



FESTIVAL DE MÚSICA CAPUCHOS

ALMADA ~ PORTUGAL

25 MAIO > 23 JUNHO
2023

FESTIVAL DE MÚSICA DOS CAPUCHOS
2023



ÍNDICE

Apresentação

Inês de Medeiros <i>Presidente da Câmara Municipal de Almada</i>	6
Filipe Pinto-Ribeiro <i>Director Artístico do Festival de Música dos Capuchos</i>	8

Programa

O Tempo da Criação – Ravel, Debussy, Milhaud.....	10
Concerto de Abertura – As Quatro Estações de Vivaldi.....	14
Recital de Canto e Piano – Summertime	18
As Quatro Estações de Piazzolla.....	22
O Tempo dos Capuchos – Obras-primas da Renascença.....	26
Recital de Piano – As Estações de Tchaikovsky e Chopin	30
O(s) Sopro(s) do Tempo 1 – Juventus Ensemble & Rui Lopes.....	34
O(s) Sopro(s) do Tempo 2 – 100 Caminhos & João Barradas	38
O Tempo do Jazz – João Barradas a Solo	42
O Tempo de Homenagem 1 – Carta Branca a António Victorino d’Almeida.....	44
O Tempo de Homenagem 2 – Recital de Piano de Stephen Kovacevich.....	48
Concerto de Encerramento – As Quatro Estações de Philip Glass	52
Poslúdio dos Capuchos – O Quarteto para o Fim do Tempo.....	56

Artistas Por ordem de concerto

Quarteto Hermès.....	60
Filipe Pinto-Ribeiro	61
Orquestra “I Solisti Veneti”	62
Lena Belkina.....	63
Mario Hossen.....	64
Deniz Uzun	65
David Santos.....	66
Marcelo Nisinman	67
Ana Karina Rossi.....	68



Artistas Por ordem de concerto (cont.)

David Castro-Balbi	69
Tiago Pinto-Ribeiro	70
Rosa Maria Barrantes	71
Alberto Mesirca	72
Officium Ensemble	73
Pedro Teixeira	74
Marianna Shirinyan	75
Juventus Ensemble	76
Sónia Pais	77
Luísa Bandeira	78
João Paiva	79
Luís Duarte Moreira	80
Rui Lopes	81
100 Caminhos	82
João Moreira	83
Carolina Alves	84
Luís Vieira	85
Hugo Assunção	86
Joaquim Rocha	87
João Barradas	88
António Victorino d’Almeida	89
Ana Maria Pinto	90
Marina Pacheco	91
Joana Moreira	92
Olga Amaro	93
Stephen Kovacevich	94
Orquestra de Câmara “Franz Liszt”	95
Jack Liebeck	96
DSCH – Schostakovich Ensemble	97
Pascal Moraguès	98
Esther Hoppe	99
Christian Poltéra	100
Conversas dos Capuchos, Prelúdios, Caminhada e Masterclasses	101-103
Informações úteis	105
Calendário geral	106





INÊS DE MEDEIROS

Presidente da Câmara Municipal de Almada

Imaginado em redor das estações do ano, o **Festival de Música dos Capuchos 2023** coloca em diálogo compositores que, ao longo de mais de 4 séculos, exploraram este conceito, de Vivaldi a Tchaikovsky, e de Piazzolla a Philip Glass. A partir destas estações são invocados outros artistas e outros tempos – históricos, filosóficos ou estivais. É através da exploração desta relação entre a passagem do tempo e a natureza – humana, divina, natural – no indissociável cruzamento entre a forma e conteúdo, que a obra destes artistas se assume como um ritual cultural de contemplação e de descoberta.

Ao longo das três últimas edições, o Festival também se tem vindo a afirmar como um espaço de partilha e de diálogo, onde a palavra escrita é celebrada com a evocação de grandes nomes da literatura. As **Conversas dos Capuchos**, com curadoria de Carlos Vaz Marques, dedicam esta edição ao centenário dos nascimentos de Mário Cesariny de Vasconcelos, Natália Correia e Eugénio de Andrade.

Na procura de melhoria e diversificação constante, este ano marcará também a estreia das **Masterclasses dos Capuchos**, orientadas por professores de referência internacional – conversas pré-concertos denominadas **Prelúdios dos Capuchos**, com moderação de João Almeida, e da **Caminhada dos Capuchos**, na Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica.

Alargando a sua programação para vários espaços, nesta edição haverá concertos no **Convento dos Capuchos** e, de forma inédita, 3 concertos no **Teatro Municipal Joaquim Benite**. Quanto aos artistas, o Festival volta a acolher conjuntos de referência e excelência internacional, com particular destaque para a Orquestra Barroca de Veneza “I Solisti Veneti”, a Orquestra de Câmara de Budapeste “Franz Liszt” e o Quarteto Hermès.

São também muitos os grandes solistas internacionais que vão pisar os palcos do Festival, entre os quais se destacam os violinistas Mario

Hossen, Jack Liebeck e Esther Hoppe, as cantoras Lena Belkina, Ana Karina Rossi e Deniz Uzun, o violoncelista Christian Poltéra, o clarinetista Pascal Moraguès, a pianista Marianna Shirinyan, e o lendário pianista norte-americano Stephen Kovacevich.

A aposta na excelência nacional é uma marca do Festival, que contará com a participação do coro Officium Ensemble, o DSCH Schostakovich Ensemble, bem como novos projetos musicais, o 100 Caminhos e o Juventus Ensemble, que juntam jovens e consagrados músicos portugueses. Não posso deixar de agradecer a homenagem que propõe a António Victorino d’Almeida, – meu pai para quem não saiba – com o concerto Carta Branca, que assinala os seus 70 anos de atividade artística. Confesso que hesitei quando li a proposta, mas sendo a programação da exclusiva responsabilidade e com total liberdade de Filipe Pinto-Ribeiro, considerei que em caso algum deveria interferir de modo a não abrir qualquer precedente.

O **Festival de Música dos Capuchos** ocupa um espaço inegável no panorama cultural nacional ao mesmo tempo que não hesita em estender a sua programação por todo o concelho, convocando este nosso território de muitos e todos os que aqui habitam e visitam a tomar parte neste ritual cultural.

Um agradecimento especial ao Filipe Pinto-Ribeiro, que tem a responsabilidade de construir o Festival e da Direção Artística e à Companhia de Teatro de Almada, que este ano se junta a esta equipa, assim como aos serviços culturais da Câmara Municipal que tornam este grande sonho possível.

Um agradecimento também sentido ao principal mecenas e parceiro do evento, a Fundação BPI/La Caixa, por continuar a apostar na promoção da música e dos artistas portugueses.



FILIPE PINTO-RIBEIRO

Director Artístico do Festival de Música dos Capuchos

*Na Primavera, flores de cerejeira, no Verão, o cuco.
No Outono, a lua, e no Inverno, a neve, clara, fria.
Eihei Dogen (1200-1253)*

O Festival de Música dos Capuchos 2023 é inspirado nas estações do ano, construindo um arco de quatro séculos que abre com as incontornáveis *Le Quattro Stagioni*, compostas por Vivaldi há 300 anos, e encerra com a estreia em Portugal de *American Four Seasons*, que Philip Glass escreveu em 2009, a que se juntam os ciclos de estações de Tchaikovsky, no séc. XIX, e de Piazzolla, no séc. XX.

A sucessão das estações do ano é uma das nossas evidências da passagem do tempo e o Festival dos Capuchos 2023 apresentará concertos dedicados a diversas dimensões temporais: obras corais do *tempo* da fundação do Convento dos Capuchos, a Renascença; o *tempo* da criação em *La Création du Monde* de Darius Milhaud; repertório inspirado no *tempo* estival, como *Les Nuits d'Été* de Hector Berlioz, *Summertime* de Samuel Barber, *Summertime* de George Gershwin; o *tempo* do apocalipse redentor do *Quatuor pour la Fin du Temps* de Olivier Messiaen.

O Festival de Música dos Capuchos 2023 realiza-se, como habitualmente, no local que lhe dá o nome, o **Convento dos Capuchos**, e, pela primeira vez, apresenta três concertos no **Teatro Municipal Joaquim Benite**.

Estarão presentes artistas e ensembles de renome, entre os quais se destacam, internacionalmente, “I Solisti Veneti”, a Orquestra “Franz Liszt” de Budapeste e o Quarteto Hermès de Paris, a que se juntam agrupamentos de referência nacionais como Officium Ensemble, DSCH Schostakovich Ensemble e 100 Caminhos. Entre os grandes solistas internacionais de várias gerações que marcarão presença, realce para o *grand seigneur* do piano Stephen Kovacevich, há mais de meio século entre a elite mundial, que nos oferece um recital com obras de Ludwig van Beethoven e Alban Berg.

Ao longo do Festival, serão interpretadas obras de vários compositores portugueses de vários

tempos, da Renascença à música contemporânea, com várias estreias absolutas e destaque para o concerto “Carta Branca a António Victorino d’Almeida”, assinalando os seus notáveis 70 anos de actividade artística.

É ainda de sublinhar que o Festival dos Capuchos 2023 apresentará a estreia em Portugal de obras de dois dos mais influentes compositores das últimas décadas, nomeadamente *Orient & Occident* (2000), do estoniano Arvo Pärt, e *American Four Seasons* (2009), do norte-americano Philip Glass.

O ciclo das já emblemáticas Conversas dos Capuchos, com curadoria e moderação de Carlos Vaz Marques, será dedicado aos centenários de três grandes nomes da literatura portuguesa: Mário Cesariny de Vasconcelos, Natália Correia e Eugénio de Andrade – curiosamente nascidos os três precisamente em 1923!

Nesta edição de 2023, o Festival dos Capuchos inaugura o seu relevante eixo formativo, com a apresentação das Masterclasses dos Capuchos, orientadas por professores dos Conservatórios de Paris, Salzburgo e Lucerna.

Também pela primeira vez, será apresentado um conjunto conversas pré-concertos, denominadas Prelúdios dos Capuchos, com moderação de João Almeida. E o Festival será ainda complementado por actividades de sensibilização ecológica e patrimonial, como uma Visita cultural ao património histórico do Convento dos Capuchos e uma Caminhada na envolvente do Convento, inserido na Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica, que apresenta importantes valores naturais que importa conhecer e valorizar.

Detenho-me finalmente na extraordinária música do último concerto deste Festival, o *Quarteto para o Fim do Tempo*, obra-prima estreada durante a 2.ª Guerra Mundial, em 1941, quando Messiaen se encontrava preso num campo nazi e compôs este manifesto de fé e de redenção, num *tempo* de horror que hoje ecoa com grande estrondo num *tempo* de guerra em que a Europa está mergulhada há mais de um ano... O objectivo último do Festival dos Capuchos é celebrar a arte e a vida em comunidade, construir pontes de compreensão e de paz entre os povos por intermédio da magnífica linguagem universal que é a música.

O meu bem-haja a todos os que tornam possível a realização do Festival de Música dos Capuchos, começando pela Câmara Municipal de Almada e os seus serviços municipais, a Direcção-Geral das Artes, o Mecenas Principal BPI/Fundação “la Caixa”, a Companhia de Teatro de Almada, o Âmbito Cultural do El Corte Inglés, a RTP Antena 2 e, *last but not least*, a incansável equipa da DSCH Associação Musical responsável pela organização do Festival.

O poema que serve de epígrafe a este texto foi escrito no séc. XIII pelo mestre *zen* budista Eihei Dogen. Na simplicidade aparente, mas expressiva, com que descreve a beleza das estações do ano, Dogen liga-nos à essência de elementos que se sucedem ao ritmo das estações. Dogen deu o título de Espírito Inato ao seu poema, um espírito de contemplação, descoberta e partilha que inspira esta edição de 2023 do Festival dos Capuchos.

25 MAIO 5ª feira

21h00 Convento dos Capuchos

O Tempo da Criação

Ravel, Debussy, Milhaud

Quarteto Hermès

Omer Bouchez *Violino*Elise Liu *Violino*Lou Yung-Hsin Chang *Viola*Yan Levionnois *Violoncelo*Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*

P R O G R A M A

Claude Debussy (1862-1918)

Quarteto de Cordas

1. *Animé et très décidé*
2. *Assez vif et bien rythmé*
3. *Andantino, doucement expressif*
4. *Très modéré – En animant peu à peu*
Très mouvementé et avec passion

Maurice Ravel (1875-1937)

Quarteto de Cordas

1. *Allegro moderato*
2. *Assez vif, très rythmé*
3. *Très lent*
4. *Vif et agité*

Darius Milhaud (1892-1974)

La Création du Monde, Op. 81b para Quinteto com Piano

1. *Prélude*
2. *Fugue*
3. *Romance*
4. *Scherzo*
5. *Final*

NOTAS AO PROGRAMA

No final do século XIX, Paris ocupava uma posição de incontestável relevância no panorama cultural europeu. Poetas simbolistas como Stéphane Mallarmé (1842-1898), Paul Verlaine (1844-1896) e Arthur Rimbaud (1854-1891), e os pintores pós-impressionistas Paul Gauguin (1848-1903), Georges Seurat (1859-1891) e Paul Cézanne (1839-1906), colocando uma ênfase sem precedentes em elementos puramente formais em detrimento dos convencionais elementos representacionais, derrubavam assim as principais premissas do realismo oitocentista. No domínio musical, sinais de um rumo mais independente relativamente à influência germânica começavam a aparecer ainda antes da chegada do novo século: em 1871, era fundada a Société Nationale de Musique, sob o propósito da criação de um movimento de “renascimento” musical de carácter especificamente francês, que viria, efectivamente, a ter um impacto decisivo no futuro da música francesa.

Amadurecido na atmosfera deste “renascimento”, seria **Claude Debussy** (1862-1918) o grande responsável pelo lançamento da música francesa num novo caminho. Partindo da influência de Fauré, Debussy procurou uma nova forma de aproximação à tonalidade.

O interesse do jovem compositor pela música russa – particularmente de Modest Mussorgsky (1839-1881) – também parece reflectir esta sua busca. No seu **Quarteto de Cordas** (composto em 1893), combinações modais inovadoras são conjugadas com progressões harmónicas mais padronizadas (a frase com que abre o quarteto é bom exemplo disso). Apesar da obra ainda se encontrar dentro dos limites das tradicionais tipologias formais e de incorporar o então habitual princípio de construção cíclica, revela já o interesse crescente de Debussy pelo trabalho aos níveis da textura e do timbre. A exploração das possibilidades puramente sonoras dos quatro instrumentos é evidente na obra, que também reflecte, em algumas passagens (particularmente no segundo andamento), o forte impacto que a audição do gamelão de Java tinha causado no compositor (aquando da Exposição Mundial de Paris em 1889).

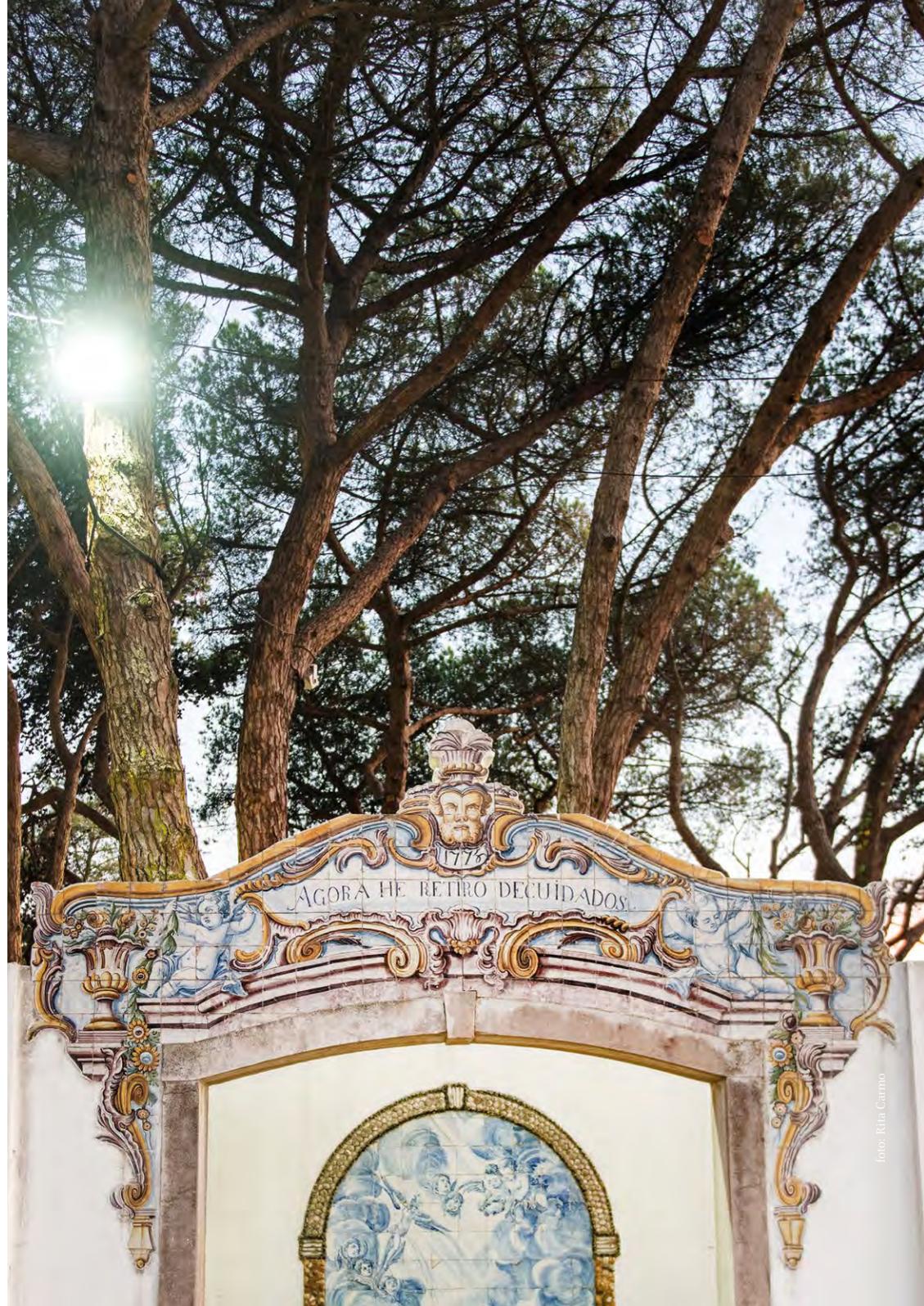
Perante a incontornável dominância debussiniana no contexto da produção musical francesa dos primeiros anos do século XX, também **Maurice Ravel** (1875-1937) partilhou, do ponto de vista estilístico, uma relação efectiva com a obra de Debussy, designadamente no seu interesse por texturas elaboradas e meticulosamente detalhadas e no seu vocabulário harmónico. Ravel

foi, indubitavelmente, um dos mais sofisticados músicos do seu tempo, primando as suas composições, de cunho singular, pela sua natureza lírica e elegância técnica, assim como pelo uso muito criterioso de procedimentos modernos. Nas suas obras mais fiéis às tradicionais tipologias formais, como o seu **Quarteto de Cordas**, é possível encontrar um acentuado grau de objectividade. Escrito em 1903 e dedicado a Fauré, o quarteto segue estritamente o modelo clássico em quatro andamentos: o primeiro corresponde ao habitual *allegro* em forma-sonata; o segundo apresenta-se como o típico *scherzo*; o terceiro, lento e de carácter lírico e expressivo, funciona como andamento contrastante; no quarto são reintroduzidos temas de andamentos anteriores, culminando num impressionista *finale*.

A simplicidade e a clareza sempre proeminentes na música de Ravel revelam, por antecipação, o Neoclassicismo que viria a dominar os anos do pós-guerra, período em que se afirmou em França o grupo “Les Six”, composto por Francis Poulenc (1899-1963), Darius Milhaud (1892-

1974), Arthur Honegger (1892-1955), Georges Auric (1899-1983), Germaine Tailleferre (1892-1983) e Louis Durey (1888-1979). Guiados pelas figuras de Jean Cocteau (1889-1963) e de Erik Satie (1866-1925), defendiam uma música directa na abordagem e livre do pretensiosismo da sala de concertos. Dono de uma inusual facilidade técnica, **Darius Milhaud** causou, amiúde, escândalo pela sua impertinência e pelo humor livre de constrangimentos das suas obras. O bailado *La Création du monde* Op. 81a, de 1923 (um ano antes da composição da icónica *Rhapsody in Blue*, de Gershwin), é considerado uma das primeiras peças de concerto significativamente influenciadas pelo jazz americano. Escrita a partir do *libreto* de Blaise Cendrars (1887-1961) – que descreve a criação do mundo segundo a mitologia africana – a partitura resulta numa muito bem-conseguida combinação entre o idioma do jazz e elementos clássicos. O quinteto Op. 81b consiste num arranjo do bailado, feito pelo próprio compositor pouco tempo depois, para quarteto de cordas e piano.

Sónia Gonçalves da Silva



27 MAIO Sábado

Teatro Municipal Joaquim Benite

18h00 Prelúdio dos Capuchos 1*Sobre as 4 Estações, de Vivaldi ao século XXI*

Conversa pré-concerto com João Almeida e Filipe Pinto-Ribeiro

21h00

Concerto de Abertura

*As Quatro Estações de Vivaldi*Mario Hossen *Violino*Lena Belkina *Mezzo-soprano**Orquestra I Solisti Veneti*Lucio Degani *Concertino*

Enzo Ligresti, Michelangelo Lentini, Francesco Zanchetta,

Leonardo Giovine, Sokol Prekaroli *Violinos*Mario Paladin *Viola*Carlo Teodoro, Ludovico Armellini *Violoncelos*Luca Stevanato *Contrabaixo*Fabiano Merlante *Teorba*Silvio Celegghin *Cravo*

P R O G R A M A

I Parte

Francesco Geminiani (1687-1762)	Concerto Grosso “La Folia”
George F. Händel (1685-1759)	Árias “Ombra mai fu” e “Crude furie degli orridi abissi”, da ópera “Serse”
Giuseppe Tartini (1692-1770)	Sonata “Il trillo del diavolo”
Antonio Vivaldi (1678-1741)	Ária “Armatae face et anguibus”, da oratória “Juditha Triumphans”

II Parte

Antonio Vivaldi

As Quatro Estações

*Concerto N° 1 A Primavera*1. *Allegro*2. *Largo*3. *Allegro**Concerto N° 2 O Verão*1. *Allegro non molto*2. *Adagio - Presto*3. *Presto**Concerto N° 3 O Outono*1. *Allegro*2. *Adagio - Presto*3. *Allegro**Concerto N° 4 O Inverno*1. *Allegro*2. *Adagio - Presto*3. *Allegro*

NOTAS AO PROGRAMA

Integralmente preenchido com música barroca da primeira metade do século XVIII, o presente programa ilustra o virtuosismo violinístico italiano, através das obras de Geminiani, Tartini e Vivaldi, sendo pontuado por algumas das mais célebres árias de Händel e Vivaldi. O concerto culmina com *Le Quattro Stagioni*, obra icónica do cânone da História da Música Ocidental.

Destacado compositor italiano com importantes contribuições também no campo da teoria musical, **Francesco Geminiani** (1687-1762) notabilizou-se enquanto intérprete, tornando-se num dos mais afamados violinistas do seu tempo. Alavancou a sua carreira estabelecendo-se em Londres

em 1714: a veneração inglesa por Arcangelo Corelli (1653-1713) – com quem Geminiani terá estudado em Roma entre 1704 e 1706 – facilitou sobremaneira a ascensão de Geminiani enquanto virtuoso. O **Concerto Grosso “La Folia”** (publicado pela primeira vez em 1729) consiste na transcrição da *Sonata para violino*, Op. 5, N° 12, de Corelli (de 1700).

A partitura respeita o princípio de contraste e diálogo entre solistas e *tutti* (que define o concerto *grosso*), conjugando-o com a apresentação de uma admirável sequência de vinte e quatro variações construídas sobre o célebre motivo da *folia* (estrutura musical usada no período Barroco para canções, danças e conjuntos de variações).

George Friedrich Händel (1685-1759; compositor inglês nascido na Alemanha) é consistentemente reconhecido como uma das figuras maiores do período Barroco. Dedicou-se a todos os gêneros musicais (vocais e instrumentais) em voga no seu tempo, merecendo particular ênfase o seu contributo para a definição e para o estabelecimento da oratória inglesa. A sua produção operática (maioritariamente sobre *libretos* italianos) dominou a primeira parte da sua carreira. A ópera *Serse* estreou-se em Londres, em 1738. O seu libreto combina de forma hábil elementos cómicos e trágicos. As árias “Ombra mai fu” e “Crude furie degli orridi abissi” são apresentadas por Xerxes, o rei da Pérsia (papel originalmente atribuído à voz de *castrato*): a primeira, de carácter íntimo e expressivo, destaca-se pela invenção melódica; a segunda – típico número de exibição vocal – salienta-se pelo virtuosismo e exigência técnica.

Para além da sua actividade enquanto compositor, professor e teórico musical, também o italiano **Giuseppe Tartini** (1692-1770) se evidenciou enquanto violinista. A sua produção musical encontra-se praticamente toda concentrada em torno de dois gêneros musicais: o concerto para violino e a sonata para violino (segundo os modelos de Vivaldi e de Corelli). Composta, provavelmente, durante a década de 1740 (ou até mais tarde) mas publicada pela primeira vez apenas em 1798, a *Sonata “Il trillo del diavolo”* permanece como a mais famosa sonata programática para violino do século XVIII, estando envolta numa narrativa quase lendária: a obra terá sido composta na sequência de um sonho em que o Diabo se revelava a

Tartini tocando violino; o compositor tentou, depois, reproduzir na partitura o alucinante discurso musical apresentado pela figura demoníaca. Numa obra repleta de exuberância e dificuldade técnica, o trilo que dá nome à composição surge no último andamento da peça.

Antonio Vivaldi (1678-1741) foi um dos mais influentes e prolíficos compositores da sua geração. A sua herança musical encontra-se expressa num vastíssimo catálogo que abarca todos os gêneros musicais em voga na sua época. Da sua produção vocal sacra, destaca-se a oratória *Juditha triumphans*. Escrita e estreada em Veneza em 1716, *Juditha triumphans* narra o episódio bíblico (do Antigo Testamento) da morte do general filisteu Holofernes às mãos da bela judia Judite. “*Armatae face et anguibus*” consiste numa magnífica ária, plena de virtuosismo e de eficácia dramática, apresentada por Vagaus (o escudeiro de Holofernes). No que respeita à produção instrumental, Vivaldi contribuiu, de forma decisiva, para a definição do modelo do concerto barroco; por outro lado, demonstrou ser pioneiro no contexto da música orquestral de pendor programático. *Le Quattro Stagioni* são, provavelmente, o melhor exemplo disso mesmo. Publicada em 1725, a obra integra a colectânea de doze concertos intitulada *Il cimento dell’armonia e dell’invenzione*, Op. 8. Nesta série, Vivaldi propôs-se conciliar o lado racional que rege toda a criação artística com um outro, da esfera da imaginação, donde resulta um discurso que pretende descrever com sons determinadas ideias poéticas e, portanto, extra-musicais.

Sónia Gonçalves da Silva



28 MAIO Domingo**19h00** Convento dos CapuchosRecital de Canto e Piano
*Summertime*Deniz Uzun *Mezzo-soprano*David Santos *Piano*

P R O G R A M A

I Parte

Hector Berlioz (1803-1869)	Villanelle <i>Canção campestre</i> Le spectre de la rose <i>O espectro da rosa</i> de <i>Les nuits d'Été Op. 7</i> (T. Gautier)
Johannes Brahms (1833-1897)	O komme, holde <i>Sommernacht Op. 58 N.º 4</i> <i>Vem, encantadora noite de Verão</i> (M. Grohe) <i>Sommerabend Op. 84 N.º 1</i> <i>Fim de tarde de Verão</i> (H. Schmidt)
Erich Wolfgang Korngold (1897-1957)	<i>Sommer Op. 9 N.º 6 Verão</i> (S. Trebitsch)
Hector Berlioz	Sur les lagunes <i>Nas lagoas</i> de <i>Les nuits d'Été Op. 7</i> (T. Gautier)
Alban Berg (1885-1935)	Sommertage <i>Dias de Verão</i> (P. Hohenberg)
Joseph Marx (1882-1964)	Selige Nacht <i>Noite abençoada</i> (O. Erich Hartleben)
Alma Mahler (1879-1964)	Laue <i>Sommernacht</i> <i>Suave noite de Verão</i> (O. Julius Bierbaum)
Hector Berlioz	L'île inconnue <i>A ilha desconhecida</i> de <i>Les nuits d'Été Op. 7</i> (T. Gautier)

II Parte

Xavier Montsalvatge (1912-2002)	Cinco canciones negras 1. Cuba dentro de un piano (R. Alberti) 2. Punto de habanera (N. Luján) 3. Chévere <i>O homem com a faca</i> (N. Guillén) 4. Canción de cuna para dormir a un negrit <i>Canção de embalar para um negrinho</i> (I. Pereda Valdés) 5. Canto negro (N. Guillén)
George Gershwin (1898-1937)	1. The Man I Love <i>O homem que eu amo</i> (I. Gershwin) 2. Vodka (O. Harbach/O. Hammerstein II) 3. Summertime <i>Tempo de Verão</i> (I. Gershwin/D. Heyward) 4. I got Rhythm <i>Tenho ritmo</i> (I. Gershwin)

NOTAS AO PROGRAMA

O presente programa tem como mote o Verão, aqui revisitado através da poesia dos séculos XIX e XX. Se a primeira parte do recital é dominada pelo repertório erudito francês e germânico, a segunda é marcada por peças que revelam evidentes influências da cultura popular.

Mélodie é o termo que habitualmente se aplica à canção francesa do século XIX e do início do século XX, que alcançou a sua melhor expressão em Gabriel Fauré (1845-1924), Henri Duparc (1848-1933) e Claude Debussy (1862-1918). Do *romance* (forma estrófica mais simples) a *mélodie* herdou, sobretudo, um

lirismo delicado e elegante. Um dos primeiros compositores a conferir maior originalidade ao *romance* francês foi **Hector Berlioz** (1803-1869), figura fundamental no panorama musical francês numa altura em que os pioneiros do Romantismo eram, essencialmente, germânicos. *Les nuits d'Été Op. 7*, de 1841, consiste num conjunto de seis canções para voz e piano (orquestradas, posteriormente, em 1856) escritas a partir de poemas de Théophile Gautier (1811-1872). Notáveis pela ousadia da sua estrutura frásica e pelo estilo de prosódia, nestas canções a linha vocal e a do piano relacionam-se através da partilha de pequenos motivos, sendo as *nuances* expressivas do texto sublinhadas

através do uso criterioso da dissonância e de originais combinações harmônicas.

A canção em língua alemã – o *Lied* – ocupou um lugar de destaque no repertório do período romântico, tendo Franz Schubert (1797-1828), Robert Schumann (1810-1856), Johannes Brahms (1833-1897) e Hugo Wolf (1860-1903) alcançado uma nova e profundamente íntima relação entre música e poesia. Do alemão **Johannes Brahms**, prolífico na composição de *Lieder* (publicou cerca de duzentas e oitenta canções entre 1853 e 1896), serão interpretadas “**O komme, holde Sommernacht**” *Op. 58 N.º 4* (de 1871) e “**Sommerabend**” *Op. 84 N.º 1* (de 1882). Apesar de ter continuado a desenvolver-se no início do século XX, a produção de *Lieder* viria a conhecer, depois da Primeira Guerra Mundial, um repentino enfraquecimento. Dos austríacos **Erich Wolfgang Korngold** (1897-1957), **Alban Berg** (1885-1935), **Joseph Marx** (1882-1964) e **Alma Mahler** (1879-1964) ouvir-se-ão, respectivamente, “**Sommer**” (do *Op. 9*, composto entre 1911 e 1913, ainda durante a adolescência do então jovem compositor prodígio que viria a fazer carreira em Hollywood, onde se tornaria num reconhecido e premiado autor de música para cinema), “**Sommertage**” (de 1908; a canção revela já o impacto dos ensinamentos que Berg recebeu do mestre da Segunda Escola de Viena, Arnold Schoenberg (1874-1951), com quem estudou entre 1904 e 1911), “**Selige Nacht**” (de 1912; uma das cerca de cento e vinte canções que Marx escreveu entre 1908 e 1912, repertório onde essencialmente assenta o reconhecimento internacional que o compositor conquistou) e “**Laue Sommernacht**” (escrita, possivelmente, entre 1900 e 1901; uma das pouquíssimas canções que se conhecem da compositora, publicada em

1910 – provavelmente na sequência de uma crise na sua relação com Gustav Mahler (1860-1911), com quem Alma casou, em 1902, depois de concordar abdicar da sua aspiração a uma carreira enquanto compositora).

A segunda parte do recital inicia-se com *Cinco canciones negras*, do catalão **Xavier Montsalvatge** (1912-2002). Algumas das suas obras das décadas de 1940 e 1950 sugerem a influência da música afro-americana e dos espirituais negros (populares em Barcelona desde a passagem da contralto americana Marian Anderson (1897-1993) pela cidade, na década de 1930) mas também da música cubana. Durante a década de 1940, Montsalvatge viajou pela Costa Brava (na província de Girona), região fortemente marcada por uma comunidade emigrante de espanhóis que, depois da Guerra de Independência Cubana contra o domínio colonial espanhol (entre 1895 e 1898), tinha regressado a Espanha, trazendo consigo novas referências musicais. O contacto de Montsalvatge com estas canções, de ritmos singulares e exóticos terá, certamente, influenciado a composição, entre 1945 e 1946, de *Cinco canciones negras*.

O recital termina, de forma festiva e animada, com algumas das mais célebres canções de **George Gershwin** (1898-1937), compositor americano particularmente reconhecido pelas suas produções para os palcos da Broadway. Do seu repertório ouvir-se-ão “**The Man I Love**” (do musical *Strike Up the Band*, de 1927), “**Vodka**” (da opereta *Song of the Flame*, de 1925), “**Summertime**” (da ópera *Porgy and Bess*, de 1935) e, finalmente, “**I got Rhythm**” (do musical *Girl Crazy*, de 1930).

Sónia Gonçalves da Silva



03 JUNHO Sábado

Teatro Municipal Joaquim Benite

18h00 Prelúdio dos Capuchos 2*Sobre Astor Piazzolla e o seu poeta, Horacio Ferrer*

Conversa pré-concerto com João Almeida e Ana Karina Rossi

21h00*As Quatro Estações de Piazzolla*Marcelo Nisinman *Bandoneón*Ana Karina Rossi *Voz*David Castro-Balbi *Violino*Tiago Pinto-Ribeiro *Contrabaixo*Rosa Maria Barrantes *Piano*Alberto Mesirca *Guitarra Eléctrica*

PROGRAMA

Astor Piazzolla (1921-1992) *Cuatro Estaciones Porteñas*

1. *Verano Porteño*
2. *Otoño Porteño*
3. *Invierno Porteño*
4. *Primavera Porteña*

Marcelo Nisinman (1970-) *Hombre Tango*
Pourquoi tu te lèves
Argentinos en Europa

Astor Piazzolla
Balada para mi muerte (H. Ferrer)
Jacinto Chiclana (J. Luis Borges)
Chiquilín de Bachín (H. Ferrer)
Balada para un loco (H. Ferrer)
María de Buenos Aires (H. Ferrer)

NOTAS AO PROGRAMA

Sabemos, ouvindo um tango velho, que houve homens valentes. O tango dá-nos a todos um passado imaginário. Estudar o tango não é inútil, é estudar as diversas vicissitudes da alma.»

Assim escreveu o poeta e ensaísta argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) a propósito do tango, a dança urbana mais popular da Argentina, inequivocamente reconhecida como símbolo nacional e, sobretudo, como um dos mais expressivos signos do “carácter argentino”. Popularizado por Carlos Gardel (1890-1935), que viria a tornar-se, a partir da década de 1920, num verdadeiro ídolo popular na Argentina

(tendo sido igualmente influente no processo de celebração do tango na Europa), o tango permanece nos dias de hoje, no contexto da sala de concertos, indissociável da figura de Piazzolla.

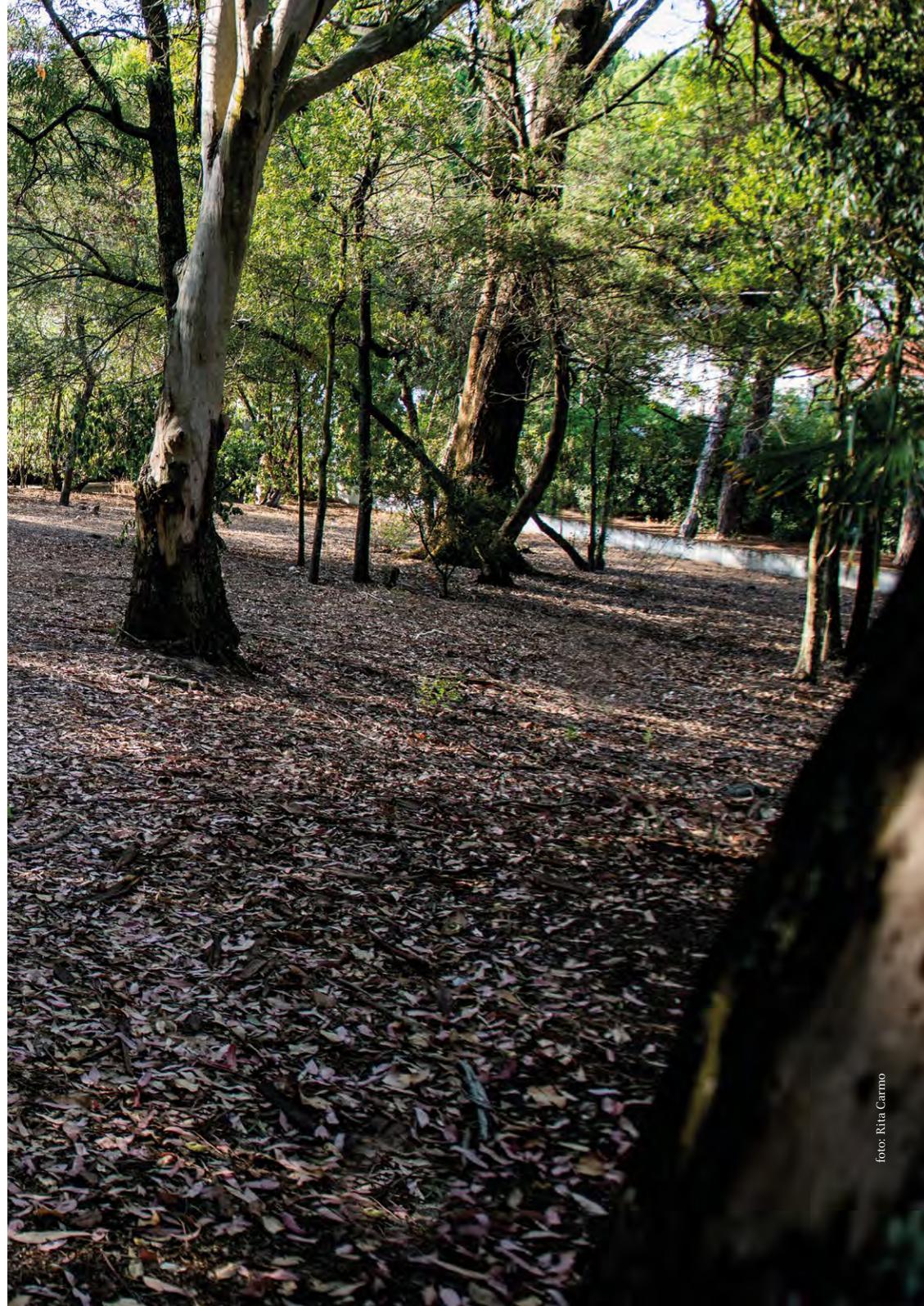
O compositor argentino Astor Piazzolla (1921-1992) conciliou e consolidou, desde cedo, a sua filiação na linguagem do tango (enquanto executante de *bandoneón*) com a formação no âmbito da música dita erudita, tendo estudado com Alberto Ginastera (1916-1983) e, mais tarde, em Paris, com Nadia Boulanger (1887-1979), uma das mais importantes e influentes pedagogas do século XX. Apesar de se ter verificado alguma resistência inicial aos seus tangos

no seio do seu próprio país (devido à inclusão de fugas, de elementos do *jazz* mas também à utilização acentuada do cromatismo e da dissonância), a sua obra acabaria por encontrar uma aceitação generalizada além-fronteiras, principalmente em França e nos Estados Unidos da América. As *Cuatro Estaciones Porteñas* (*porteño*: relativo ao Porto de Santa Maria, designação atribuída a Buenos Aires) foram escritas por Piazzolla entre 1965 e 1970 enquanto quatro pequenas peças individuais, não tendo, portanto, sido concebidas como um ciclo. O *Verão* foi originalmente composto como música de cena para a peça *Melenita de oro* de Alberto Rodríguez Muñoz (1915-2004), em Agosto de 1965; o *Outono* foi escrito em 1969; o *Inverno* e a *Primavera* foram escritos em 1970, ano da estreia do ciclo integral das *Quatro Estações*, no Teatro Regina, em Buenos Aires, interpretadas pelo Quinteto Nuevo Tango (grupo icónico fundado por Piazzolla no início da década de 1960 e que o próprio compositor integrava, ao *bandoneón*). A partitura – evocativa do ambiente e da atmosfera da terra natal do compositor, plena de sensualidade e de inúmeras cambiantes expressivas e emotivas – contém citações explícitas da música de outras quatro estações (barrocas) suas congéneres, as de Antonio Vivaldi (1678-1741). Para além de *Cuatro Estaciones Porteñas*, o presente programa contempla

ainda cinco tangos de Piazzolla, escritos a partir de textos de Horacio Ferrer (1933-2014), designadamente “*Balada para mi muerte*”, “*Chiquilín de Bachín*”, “*Balada para un loco*” e “*María de Buenos Aires*”, e de Jorge Luis Borges, o tango “*Jacinto Chiclana*”.

Marcelo Nisinman apresenta-se no presente concerto na dupla condição de intérprete e de compositor. Nascido em Buenos Aires, em 1970, Nisinman estudou *bandoneón* com o argentino Julio Oscar Pane (n. 1947) e composição com Guillermo Graetzer (1914-1993) – discípulo de Paul Hindemith (1895-1963) – e Detlev Müller-Siemens (n. 1957). Reside, actualmente, em Basileia (na Suíça) e mantém uma intensa carreira internacional. Do seu catálogo – que abarca obras escritas para diversas formações e espelha uma original e interessante combinação entre os elementos tradicionais do tango e a linguagem da música contemporânea – serão interpretados “*Hombre Tango*”, “*Pourquoi tu te lèves*” e, finalmente, “*Argentinos en Europa*”.

Sónia Gonçalves da Silva



04 JUNHO Domingo

19h00 Convento dos Capuchos

O Tempo dos Capuchos

Obras-primas da Renascença

Officium Ensemble

Pedro Teixeira *Direcção Musical*

 P R O G R A M A

Giovanni P. da Palestrina (1525-1594)	Missa Papæ Marcelli, <i>a 6</i> <i>Kyrie</i> <i>Gloria</i>
Thomas Tallis (1505-1585)	O nata lux
Giovanni P. da Palestrina	Missa Papæ Marcelli <i>Credo</i>
Duarte Lobo (1565-1646)	Audivi vocem
Giovanni P. da Palestrina	Missa Papæ Marcelli <i>Sanctus</i> <i>Agnus Dei</i>
Gregorio Allegri (1582-1652)	Miserere mei, Deus
Antonio Lotti (1667-1740)	Crucifixus, <i>a 8</i>
Orlando di Lassus (1532-1594)	Salve Regina, <i>a 8</i>
Estêvão de Brito (1570-1641)	O Rex Gloriae, <i>a 8</i>

NOTAS AO PROGRAMA

A Contra-Reforma, formulada no âmbito do Concílio de Trento (1545-1563), foi o acontecimento central na igreja católica durante a vida de **Giovanni Pierluigi da Palestrina** (c.1525-1594). Seria a “escola romana” (grupo de compositores que actuou durante o século XVI na Capela Papal em Roma) quem viria a concretizar as exigências da Contra-Reforma em matéria de música eclesiástica. Neste contexto, o estilo de Palestrina tornou-se no paradigma da música polifónica católica, perfeitamente ilustrado na *Missa Papæ Marcelli*. Composta em 1562, é a última das sete missas que compõem o *Missarum liber secundus* (publicado em 1567 e dedicado ao rei Filipe II de Espanha). É escrita a seis vozes, embora o número varie ao longo da obra (no *Agnus Dei II* é acrescentada uma sétima voz). Reconhecido guardião do “stile antico”, Gregorio Allegri (1582-1652), compositor romano, foi considerado pelos seus pares como um justo sucessor de Palestrina. Dono de uma intensa carreira enquanto compositor e cantor, integrou o coro da Capela Sistina a partir de 1629. Uma das suas mais afamadas obras é *Miserere mei, Deus*. Composta, provavelmente, no final da década de 1630, a peça é escrita para dois coros (a cinco e quatro vozes, respectivamente), sobre o Salmo 51. Até 1870, a obra era tradicionalmente cantada na Capela

Sistina no *Ofício de Trevas* da Semana Santa. **Antonio Lotti** (1666-1740) nasceu em Hanover mas cedo rumou a Itália (em 1683) para estudar com Giovanni Legrenzi (1626-1690), em Veneza. Após um percurso enquanto cantor e organista, Lotti tornar-se-ia *primo maestro di cappella* da Basílica de São Marcos em 1736 (posição que manteve até à sua morte). A peça *Crucifixus, a 8*, uma das mais conhecidas do compositor, consiste num motete a oito vozes escrito sobre o texto de um artigo da confissão do Credo.

A carreira de **Thomas Tallis** (c.1505-1585) desenrolou-se num período de conturbação política e religiosa sem precedentes, cujo impacto foi profundo na música inglesa. Enquanto músico de corte, Tallis serviu os monarcas Henrique VIII, Eduardo VI, Maria Tudor e Isabel I. A sua produção musical abarca praticamente todos os géneros musicais usados na igreja inglesa durante o século XVI. *O nata lux* integra as *Cantiones sacrae*, uma antologia de motetes dedicada a Isabel I, publicada por Tallis em parceria com William Byrd (c.1540-1623) em 1575. Consiste num hino a cinco vozes para as Laudes do Ofício da festa da Transfiguração do Senhor.

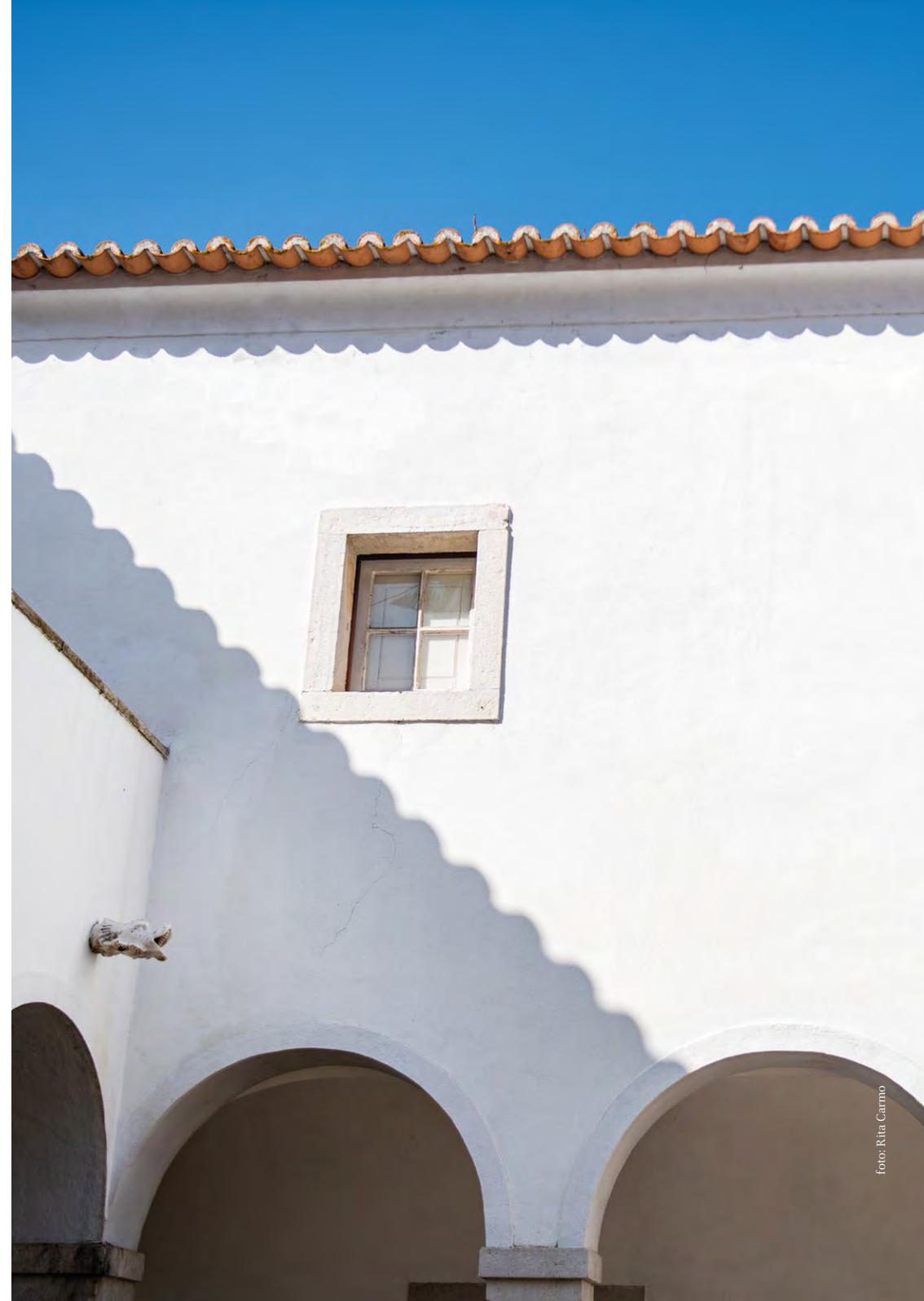
Desde meados do século XVI que os efeitos agravados da crise do

Império, da Contra-Reforma e da perda de independência política foram, gradualmente, subjogando Portugal a uma situação de isolamento e de subordinação cultural. Todavia, a música religiosa, em particular, despertou com especial vitalidade durante a época filipina, constituindo-se, aliás, o período entre 1580 e 1640 como uma verdadeira era de ouro da história da música em Portugal. Discípulo de Manuel Mendes (c.1547-1605; mestre de capela da Sé de Évora entre 1578 e 1589), **Duarte Lobo** (c.1565-1646) viria a tornar-se mestre de capela da Sé de Lisboa (provavelmente entre 1591 e o ano da sua morte). A peça *Audivi Vocem* consta no *Livro de Missas* de 1621 de Duarte Lobo e consiste num motete a seis vozes escrito sobre um versículo e responsório das Vésperas do Ofício de Defuntos. A já referida união política entre Portugal e Espanha entre 1580 e 1640 permitiu novas oportunidades de carreira para os compositores portugueses. Foi esse o caso de **Estêvão de Brito** (c.1575-1641). Discípulo de Filipe de Magalhães (c.1571-1652; mestre de capela da Sé de Évora entre 1589 e 1604), Estêvão de Brito foi mestre capela da Catedral de Badajoz (desde 1597) e da Catedral de Málaga

(entre 1613 e a data da sua morte), de onde provém, aliás, o manuscrito de *O Rex Glorise, a 8*, um motete a oito vozes dedicado à festa da Ascensão de Cristo.

A polifonia franco-flamenga é representada no presente programa pela música do belga **Orlando di Lasso** (c.1532-1594), um dos mais prolíficos, versáteis e reconhecidos compositores do século XVI. Antes de se estabelecer em Munique, onde se tornou, em 1563, *maestro di cappella* da corte da Baviera (posição que manteve durante cerca de trinta anos), desenvolveu a sua carreira na Antuérpia e em várias cidades italianas. No topo das suas obras sacras encontram-se os seus motetes latinos. *Salve Regina, a 8* integra o *Magnum opus musicum* (publicado postumamente em Munique, em 1604) e consiste num motete a oito vozes sobre o texto de um hino de devoção mariana.

Sónia Gonçalves da Silva



10 JUNHO

 Sábado

21h00

 Convento dos Capuchos

Recital de Piano

As Estações de Tchaikovsky e Chopin

Marianna Shirinyan *Piano*

P R O G R A M A

I Parte

Pyotr Ilyich Tchaikovsky (1840-1893) **As Estações Op. 37a**

1. Janeiro - À Lareira
2. Fevereiro - Carnaval
3. Março - Canção do Rouxinol
4. Abril - Flor da Primavera
5. Maio - Noites Brancas
6. Junho - Barcarola
7. Julho - Canção do Ceifeiro
8. Agosto - Scherzo (Colheita)
9. Setembro - A Caça
10. Outubro - Canção do Outono
11. Novembro - Na Troika
12. Dezembro - Natal

II Parte

Fryderyk Chopin (1810-1849) **Quatro Baladas**

Balada Nº 1 Op. 23
 Balada Nº 2 Op. 38
 Balada Nº 3 Op. 47
 Balada Nº 4 Op. 52

NOTAS AO PROGRAMA

Pyo**t**r Ilyich Tchaikovsky (1840-1893) é habitualmente considerado o compositor porta-estandarte da facção europeia (ou “cosmopolita”) no contexto da música russa do século XIX. Foi aluno do pianista e compositor russo Anton Rubinstein (1829-1894) e, após formar-se no Conservatório de São Petersburgo em 1865, tornou-se professor, em 1866, no conservatório então recentemente fundado por Nicolai Rubinstein (1835-1881; irmão de Anton Rubinstein) em Moscovo. A sua ligação com o ocidente manteve-se (também) através de frequentes viagens à Europa, onde, efectivamente, conseguiu conquistar uma reputação da qual nenhum outro compositor russo conseguira aproximar-se à época. A formação académica (mais tradicional) de Tchaikovsky haveria de reflectir-se, por exemplo, no tratamento harmónico e formal que conferiu às suas obras, no seu fascínio pelos géneros instrumentais tradicionais de grande escala e na preferência estilística que manifestou por modelos reminiscentes de Beethoven (1770-1827) e de Schumann (1810-1856). Ora tal posição contrariava um certo “autoditactismo” consciente e orgulhosamente assumido pelo então em voga “Grupo dos Cinco” – constituído pelos compositores russos Balakirev (1837-1910), Borodin (1833-1887), Cui (1835-

1918), Mussorgsky (1839-1881) e Rimsky-Korsakov (1844-1908) – que, seguindo o caminho anteriormente apontado por Glinka (1804-1857), pretendia criar uma “escola” marcada por traços musicais distintivamente russos. Ainda assim, Tchaikovsky manteve sempre um interesse por fontes históricas e literárias russas, utilizando, inclusivamente, melodias de índole russa nas suas obras durante praticamente toda a sua carreira.

Composta entre Dezembro de 1875 e Novembro de 1876, as doze peças de carácter que compõem **As Estações, Op. 37a** (correspondendo cada uma delas a cada um dos doze meses do ano e reflectindo, naturalmente, sentimentos ou imagens associadas a cada um dos meses em questão) foram inicialmente publicadas separadamente em 1876 – uma por mês, na revista de São Petersburgo *Nuvellist* (Нувеллист) – e resultam de uma encomenda feita ao compositor por Nikolay Bernard (1844-1905), o editor da revista. Posteriormente, em 1885, foram publicadas como ciclo por Pyotr Jurgenson (1836-1904), editor e amigo de Tchaikovsky.

Nascido perto de Varsóvia, na Polónia, **Fryderyk Chopin** (1810-1849) – pianista superlativamente dotado e compositor – estabeleceu-se em Paris

no Outono de 1831. À época, a Polónia sucumbia ao domínio russo, sendo Chopin várias vezes retratado (de forma muito imaginativa) como um exilado obrigado a fugir do seu país natal. Contudo, a verdade é que Chopin deixou Varsóvia antes da sublevação nacionalista rebentar, com o intuito claro de promover a sua carreira pianística em Viena e em Paris, palco maior no contexto cultural europeu da altura. Ainda assim, apesar de nunca ter voltado a pisar solo polaco, o vínculo com as suas origens não haveria nunca de quebrar-se (como, aliás, pode verificar-se na utilização de elementos do idioma musical polaco nas suas composições, particularmente nas suas *polonaises* e *mazurkas*).

Chopin representa, de facto, a essência da tradição pianística romântica, incorporando no seu repertório, de forma mais completa e apurada do que qualquer outro compositor da época, o potencial técnico e expressivo do piano. Na sua obra (escrita, salvo poucas exceções, essencialmente para o seu próprio instrumento), Chopin conseguiu, de uma maneira

extraordinariamente bem-sucedida, combinar qualidade melódica, audácia harmónica e invenção na construção formal. O termo balada é geralmente aplicado a peças instrumentais (normalmente para piano) escritas num estilo narrativo e consta ter sido usado pela primeira vez, precisamente, por Chopin (em *Balada em Sol menor Op. 23*; publicada em 1836 mas cuja composição terá começado em 1831). Para além desta, Chopin escreveu outras três, a saber: *Balada em Fá Maior Op. 38* (de 1839); *Balada em Lá bemol Op. 47* (de 1841); *Balada em Fá menor Op. 52* (composta entre 1842 e 1843). As quatro baladas têm em comum o facto de serem escritas em compasso binário composto (6/4 ou 6/8) e uma estrutura baseada no desenvolvimento temático guiado não tanto por procedimentos formais mas por uma intenção programática. Plenas de beleza melódica, sofisticação harmónica e clímaxes poderosos, as quatro baladas de Chopin constam, indubitavelmente, entre as melhores páginas do compositor.

Sónia Gonçalves da Silva



11 JUNHO

 Domingo

19h00

 Convento dos Capuchos

O(s) Sopros do Tempo 1

Juventus Ensemble & Rui Lopes

Juventus Ensemble

Sónia Pais *Flauta*

Luísa Bandeira *Oboé*

João Paiva *Clarinete*

Luís Duarte Moreira *Trompa*

Rui Lopes *Fagote*

P R O G R A M A

Samuel Barber (1910-1981)	Summer Music Op. 31
Eurico Carrapatoso (1962-)	Cinco Elegias 1. <i>A Béla Bartók</i> 2. <i>A Germaine Tailleferre</i> 3. <i>A Anton Webern</i> 4. <i>A Olivier Messiaen</i> 5. <i>A Igor Stravinsky</i>
Sérgio Azevedo (1968-)	Pastorais 1. <i>Summer Pastoral</i> 2. <i>Festivo, con ferocità</i> 3. <i>Idyll</i> 4. <i>Valsa</i> 5. <i>Tarantela</i>
Carl Nielsen (1865-1931)	Quinteto Op. 43 1. <i>Allegro ben moderato</i> 2. <i>Menuet</i> 3. <i>Praeludium / Tema com variações</i>

NOTAS AO PROGRAMA

Embora haja muitas exceções, a formação habitual do quinteto de sopros (normalizada por volta de 1800) contempla a flauta, o oboé, o clarinete, o fagote e a trompa, tendo progredido da *Harmoniemusik* (música escrita para dois oboés, dois clarinetes, duas trompas e dois fagotes) em voga na corte imperial de Viena desde 1782. Esta nova combinação de cinco vozes solistas tirou partido dos aperfeiçoamentos técnicos aplicados aos instrumentos de sopro durante este período, permitindo, por exemplo, que alguns dos princípios patentes na escrita de Joseph Haydn (1732-1809) para o clássico quarteto de cordas fossem transferidos também para o contexto da música de câmara para instrumentos de sopro. Entre os primeiros a escrever para esta nova formação encontram-se Antonio Rosetti (c.1750-1792) ou Giuseppe Maria Cambini (1746-1825), contudo, seriam os contributos de Antoine Reicha (1770-1836; vinte e quatro quintetos – escritos a partir de 1811 – opus 88, 91, 99 e 100) e Franz Danzi (1763-1826; nove quintetos – compostos entre 1820 e 1824 – opus 56, 67 e 68) os principais responsáveis pelo estabelecimento do quinteto de sopros enquanto género musical. A formação do quinteto haveria de sofrer novo impulso no início do século XX, sendo particularmente relevantes as

contribuições de Carl Nielsen (1865-1931; Op. 43, obra que encerra o presente programa), Paul Hindemith (1895-1963; *Kleine Kammermusik*, Op. 24, Nº 2, de 1922) e, finalmente, Arnold Schönberg (1874-1951; Op. 26, composto entre 1923 e 1924).

Samuel Barber (1910-1981) foi um dos mais reconhecidos e frequentemente interpretados compositores americanos na Europa em meados do século XX, tendo a sua carreira internacional sido catapultada com a transmissão da NBC, em 1938, das peças (*First*) *Essay*, Op. 12 (de 1937) e *Adagio for Strings*, Op. 11 (de 1936; arranjo do segundo andamento do seu quarteto de cordas), sob a direcção de Arturo Toscanini (1867-1957). A sua obra, de cunho acentuadamente lírico, mantém uma ligação evidente com a linguagem tonal e com muitas das formas musicais do final do século XIX. Escrita num único andamento, a peça *Summer Music Op. 31* (de 1955), resultou de uma encomenda feita a Barber pela Sociedade de Música de Câmara de Detroit, tendo sido estreada no dia 20 de Março de 1956 no Instituto das Artes de Detroit.

Eurico Carrapatoso (n. 1962) é um dos mais reputados e estimados compositores portugueses da actualidade, cuja obra (distinguida

com vários prémios) tem sido sistematicamente interpretada em Portugal e no estrangeiro. Paralelamente, o compositor tem desenvolvido também uma importante e reconhecida actividade pedagógica, designadamente na Escola de Música do Conservatório Nacional. Profundamente influenciado por Constança Capdeville (1937-1992) e Jorge Peixinho (1940-1995), Eurico Carrapatoso afirma-se como um compositor fundamentalmente livre de constrangimentos estilísticos. A peça *Cinco Elegias* (Op. 11; de 1997) é composta por cinco andamentos contrastantes, consistindo cada um deles numa evocação estilística do compositor a quem é dedicado, a saber: Béla Bartók (1881-1945), Germaine Tailleferre (1892-1983), Anton Webern (1883-1945), Olivier Messiaen (1908-1992) e Igor Stravinsky (1882-1971).

Formado pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde passou pelas classes de Constança Capdeville, Christopher Bochmann (n. 1950) e Álvaro Salazar (n. 1938), Sérgio Azevedo (n. 1968) tem desenvolvido um intenso e prolífico percurso enquanto compositor, sendo a sua obra (por diversas vezes premiada) apresentada regularmente em vários

países. Para além da composição, tem-se dedicado igualmente ao ensino, designadamente na Escola Superior de Música de Lisboa, e à escrita sobre música. A obra *Pastorais*, escrita em cinco andamentos, é dedicada ao flautista Nuno Inácio (1º flautista da Orquestra Metropolitana de Lisboa).

Nascido na Dinamarca, **Carl Nielsen** (1865-1931) foi um dos mais reconhecidos compositores escandinavos do período de transição para o século XX, tendo conquistado a sua reputação graças, sobretudo, às suas seis sinfonias. No universo da música de câmara de Nielsen destaca-se o seu *Quinteto Op. 43* (de 1922), que integra, aliás, o repertório de referência para quinteto de sopros. Obra particularmente notável, providencia uma excelente introdução ao ouvinte a alguns dos traços estilísticos do compositor (classicismo formal; texturas transparentes; contenção expressiva).

Sónia Gonçalves da Silva



11 JUNHO Domingo

21h00 Convento dos Capuchos

O(s) Sopro(s) do Tempo 2
100 Caminhos & João Barradas

100 Caminhos

João Moreira *Trompete*

Carolina Alves *Trompete*

Luís Vieira *Trompa*

Hugo Assunção *Trombone Tenor*

Joaquim Rocha *Trombone Baixo*

João Barradas *Acordeão*

P R O G R A M A

Claudio Monteverdi (1567-1643)	4 Madrigais 1. <i>Si ch'io vorrei morire</i> 2. <i>No più guerra, pietate</i> 3. <i>Ah, dolente partita</i> 4. <i>Quel augellin che canta</i>
Joseph Horovitz (1926-2022)	Music Hall Suite 1. <i>Soubrette Song</i> 2. <i>Trick Cyclists</i> 3. <i>Adagio Team</i> 4. <i>Les Girls</i>
Anne Victorino d'Almeida (1978-)	Acroase Op. 90, para Acordeão e Quinteto de Metais (estreia absoluta)
Eric Ewazen (1954-)	Frost Fire 1. <i>Bright and Fast</i> 2. <i>Gentle and Mysterious</i> 3. <i>Tense and Dramatic</i>

NOTAS AO PROGRAMA

A prática da composição para pequenos *ensembles* instrumentais remonta ao Renascimento. Durante os séculos XVI e XVII foram vários os compositores europeus que escreveram música a cinco partes para *consorts* instrumentais constituídos por duas cornetas e três sacabuxas. O alemão Johann Christoph Pezel (1639-1694), por exemplo, compôs cento e dezasseis peças a cinco partes para *ensembles* de instrumentos de metal. Mas seria no século XIX, e sobretudo no século XX, que este tipo de repertório viria a ganhar outra visibilidade e que o moderno quinteto de metais – constituído por dois trompetes, trompa, trombone e tuba (ou trombone baixo) – se estabeleceria, de facto, como agrupamento *standard* no contexto da música de câmara.

Claudio Monteverdi (1567-1643), compositor italiano, ocupou uma posição absolutamente fundamental na conjuntura musical do período de transição para o século XVII. A sua produção abarca praticamente todos os géneros musicais mais importantes à época. Com os seus nove livros de madrigais (publicados entre 1587 e 1651), Monteverdi contribuiu, sucessivamente, para a definição dos novos paradigmas estéticos e estilísticos do Barroco. E é precisamente

com quatro arranjos para quinteto de metais de madrigais de Monteverdi que se inicia o presente programa, ilustrando-se assim a versatilidade da formação. Serão ouvidos os madrigais números 15, 14, 1 e 13 do *Quarto Livro de Madrigais* do compositor italiano, originalmente publicado em 1603.

Joseph Horovitz (1926-2022) – compositor, maestro e pianista inglês – iniciou os seus estudos musicais em Viena (cidade onde nasceu), tendo emigrado com a sua família para Inglaterra, em 1938. Completou a sua formação em Londres, no Royal College of Music (onde acabaria por se tornar professor de Composição, em 1961), na classe de Gordon Jacob (1895-1984), e, posteriormente, em Paris, com a prestigiada pedagoga francesa Nadia Boulanger (1887-1979). A obra de Horovitz revela o eclectismo do compositor, destacando-se, sobretudo, pela sua graciosidade. Entre os diversos géneros musicais que abordou ao longo da sua carreira, merece particular referência o seu contributo no contexto do repertório para metais ou orquestra de sopros. A obra *Music Hall Suite* foi escrita em 1964 a pedido do tubista americano Roger Bobo (1938-2023) e rapidamente ganhou presença assídua nas salas de concertos. Ao longo dos cinco andamentos que compõem a peça, Horovitz convoca os universos

musicais do teatro burlesco, do *music hall*, do circo e do *cabaret*.

Criada no seio de uma família fortemente marcada pelas artes, a violinista e compositora **Anne Victorino d'Almeida** (n. 1978) cedo iniciou a sua formação musical, designadamente na Fundação Musical dos Amigos das Crianças e, posteriormente, na Academia Nacional Superior de Orquestra. É, actualmente, professora de Violino na Escola de Música do Conservatório Nacional. De sua autoria serão apresentadas duas obras muito recentes, compostas em 2022. A peça *Acroase*, Op. 90, escrita em 2022 para acordeão e quinteto de metais, terá no presente concerto a sua estreia mundial e contará com a interpretação do jovem premiado acordeonista João Barradas (n. 1992). A palavra *acroase* (do grego *akróasis*) significa a impossibilidade de compreender sem explicações prévias. Neste sentido, Anne Victorino d'Almeida assume nesta obra a posição que o exercício da composição musical pode ocupar em processos

internos de resolução de problemas ou inquietações.

O programa termina com a apresentação de uma obra do compositor americano **Eric Ewazen** (n. 1954), cujo percurso académico (na Eastman School of Music e na The Juilliard School, em Nova Iorque) foi marcado pelos ensinamentos de Milton Babbitt (1916-2011), Samuel Adler (n. 1928), Warren Benson (1924-2005), Joseph Schwantner (n. 1943) e Gunther Schuller (1925-2015). O seu catálogo é extenso e dominado, sobretudo, pela música instrumental. *Frost Fire*, obra de 1990 escrita em três andamentos, surgiu na sequência de uma encomenda do American Brass Quintet (para assinalar a comemoração do trigésimo aniversário do agrupamento). A peça revela o domínio de Ewazen da escrita idiomática para instrumentos de metal, denotando influências de Aaron Copland (1900-1990) e de Leonard Bernstein (1918-1990).

Sónia Gonçalves da Silva



PROGRAMA

11 JUNHO Domingo

23h00 Convento dos Capuchos

O Tempo do Jazz
João Barradas a solo

João Barradas *Acordeão*



foto: Rita Carmo

13 JUNHO 3ª feira

21h00 Convento dos Capuchos

O Tempo de Homenagem 1
Carta Branca a António Victorino d'Almeida

António Victorino d'Almeida *Piano e comentários*

Ana Maria Pinto *Soprano*

Marina Pacheco *Soprano*

Joana Moreira *Piano*

Olga Amaro *Piano*

P R O G R A M A

António Victorino d'Almeida (1940-) 5 Canções sobre Natália Correia

1. *Aviso sobre Natália Correia*
2. *Fiz um conto para me embalar*
3. *A Primavera*
4. *Nocturno*
5. *Canção entregue ao nada*

Dois Sonetos de Camões

1. *Aquela triste e leda madrugada*
2. *Correm turvas as águas deste rio*

Balada Op. 126 para piano a quatro mãos

Ficções do Interlúdio Op. 26

(Poemas de Fernando Pessoa)

1. *Plenilúnio*
2. *Saudade dada*
3. *Pierrot Bêbado*
4. *Minuete Invisível*
5. *Hiemal*

2 Canções de André Heller Op. 49
para duas Vozes e dois Pianos

A primeira vez que eu toquei em frente de um público, ainda que obviamente bastante restrito, foi em casa da minha primeira autêntica professora de piano: Marina Dwander Gabriel, amiga de infância da minha mãe – e ambas alunas, em tempos passados, de Francisco de Lacerda.

Eu tinha na altura seis anos de idade, e lembro-me de ver sentados na primeira fila de cadeiras alinhadas na sala da Marina dois senhores em relação aos quais me recomendaram, muito especialmente, que deveria portar-me com todo o possível juízo, o que também implicaria que tentasse tocar o melhor que estivesse ao meu alcance...

No final, quando as pessoas se levantaram, verifiquei que um dos senhores era muito alto, ao contrário do outro, que me pareceu bastante baixo: o primeiro era Luís de Freitas Branco e o segundo Viana da Mota... Lembro-me de que estiveram a falar com os meus pais, mas só muito mais tarde penso ter percebido o sentido daquilo que terão dito. Mas foi aí, efectivamente, que tudo começou. Anos mais tarde, estreei-me

efectivamente a tocar, perante uma espécie de plateia, numa festa organizada na casa do Concelho de Gouveia, em Lisboa. Não tenho, que me lembre, qualquer tipo de relação especial, nomeadamente familiar, com Gouveia e nunca mais voltei à casa que representa a cidade beirã na capital, ignorando igualmente o nome da rua...

Isto passou-se, concretamente, há setenta anos, e lembro-me de que lá toquei, entre outras peças, um Nocturno de Chopin, a "Aragonesa" de Massenet, uma tocata de Sousa Carvalho, uma pequena obra de Debussy, para além de uma turbulenta peça de minha autoria acerca do herói Viriato, figura particularmente venerada pelos meus simpáticos anfitriões...

Depois disso, recordo muito particularmente os minutos passados numa semi-obscuridade, atrás de uma porta pintada de branco, no Conservatório da Rua dos Caetanos, edifício histórico para a Cultura Portuguesa que é imperioso preservar, tais e tantos são os grandes nomes que a ele estiveram – e sempre e continuarão – intrinsecamente ligados. Fazem parte da História.

Essa foi a primeira vez que eu pisei um verdadeiro palco e me confrontei com uma autêntica plateia; mas a minha verdadeira estreia foi efectivamente num estrado montado na Casa do Concelho de Gouveia, em Lisboa, tal como se vê numa fotografia em que apareço rodeado de venerandos anciãos.

Setenta anos passados, sempre que olho para essa fotografia – que os meus pais preservaram, encaixilhada, em cima de uma estante da sala –, tento recordar-me daquilo que me passaria pela cabeça, durante esse momento. Pois recordo que, nessa altura, ainda admitia muito a sério a possibilidade de vir mais tarde a ser zoólogo, ou talvez, também, historiador...

A homenagem sonora que ali estava a desenvolver – em relação à figura de Viriato – associava-se mais claramente a essa segunda possibilidade, não tanto em função dos seus feitos bélicos contra os romanos, mas por ser uma figura que também se associava à natureza e que até se dizia – num livro que eu lera tempos atrás – que sabia lidar com os lobos, usando as alcateias enfurecidas para dificultar a vida às legiões invasoras...

A música do Viriato – que eu estaria talvez a tocar no momento em que fui fotografado – seria destinada a um poema sinfónico que acabei por nunca escrever, ainda que não tenha esquecido alguns dos temas principais. Um deles, inclusivamente, seria, décadas mais tarde, utilizado na minha primeira peça de câmara, um septeto a que dei o nome de “A Vida de um não-herói”, numa inegável alusão ao famoso poema

sinfónico (aleadamente de teor autobiográfico) de Richard Strauss: “A Vida de um Herói”...

Richard Strauss foi alguém cuja obra lhe permite afirmar-se cada vez mais como um dos maiores génios da música de sempre. E quanto a isso, não tenho dúvidas. Mas haveria necessidade de se auto-definir como “herói”?...

Mais tarde, o meu professor de composição, Joly Braga Santos, explicou-me que a palavra “herói” teria ali outro sentido, não necessariamente conotado com auto-elogio...

Assim mesmo, insisti, anos mais tarde, na expressão de algum modo provocatória de “não-herói”, ao escolher o título para meu septeto, cujo tema inicial servira para que – vão agora setenta anos... – eu esboçasse, mais ou menos de improviso, uma homenagem a alguém que a História viria a classificar como herói, embora não nacional, pois ainda não existia por aqueles lados qualquer nação encarável como tal...

Esse meu septeto foi estreado e gravado pelo quinteto de sopros da Ópera de Berlim, juntamente com um pianista e um xilofonista, e nunca foi tocado em Portugal... – algo que também se passa com as minhas duas canções sobre poemas de André Heller, que serão interpretadas neste concerto, e, até certo ponto, com as canções sobre poemas de Natália Correia... –, mas também ainda só se passaram 52 anos...

António Victorino d’Almeida



17 JUNHO Sábado

21h00 Convento dos Capuchos

O Tempo de Homenagem 2

Recital de Piano de Stephen Kovacevich

Stephen Kovacevich *Piano*

PROGRAMA

I Parte

Alban Berg (1885-1935)

Sonata Op. 1

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Sonata Nº 30 Op. 109

1. *Vivace ma non troppo, sempre legato*
Adagio espressivo
2. *Prestissimo*
3. *Gesangvoll, mit innigster Empfindung*
Andante molto cantabile ed espressivo

II Parte

Ludwig van Beethoven

Bagatelas Op. 119 & Op. 126 (selecção)

Ludwig van Beethoven

Sonata Nº 31 Op. 110

1. *Moderato cantabile molto espressivo*
2. *Allegro molto*
3. *Adagio ma non troppo – Fuga*
Allegro ma non troppo

NOTAS AO PROGRAMA

Nascido no seio de uma próspera família vienense, **Alban Berg** (1885-1935) teve oportunidade de privar desde cedo com algumas das mais influentes personalidades do meio intelectual e artístico da época, como os pintores Gustav Klimt (1862-1918) e Oskar Kokoschka (1886-1980), e os escritores Peter Altenberg (1859-1919), Karl Kraus (1874-1936) e Stefan Zweig (1881-1942). Pouco tempo depois de terminar a sua instrução académica geral (que concluiu com alguma dificuldade, em 1904, por não se enquadrar no modelo de aprendizagem formatada e mecanizada que vigorava à época), iniciou a sua formação musical, feita exclusivamente, entre 1904 e 1911, sob a orientação de Arnold Schoenberg (1874-1951; mestre daquela que ficaria conhecida como “Segunda Escola de Viena”). Em 1908, ainda sob a supervisão de Schoenberg, Alban Berg concluiu a composição da sua **Sonata Op. 1** – a primeira obra de envergadura que o compositor considerou ser digna de publicação. Escrita num único andamento – tal com o *Quarteto de Cordas*, Nº 1, Op. 7 (1904-1905) e a *Sinfonia de Câmara*, Nº 1, Op. 9 (1906) de Schoenberg – a obra conduz o tradicional sistema tonal para territórios mais extremos. A combinação entre a estrutura da típica forma-sonata e texturas contrapontísticas resultantes de um

processo denso de desenvolvimento motivico confere à peça uma tensão magnetizante.

No ano 1770 nascia na cidade de Bonn (Alemanha) uma das mais simbólicas personagens da história da música ocidental: **Ludwig van Beethoven** (1770-1827). Envolto (porventura ainda hoje) numa aura quase mítica, o percurso do compositor foi intensamente marcado pelos seus idiossincráticos métodos de trabalho, pelo fatídico isolamento causado pela surdez mas também pela nobreza da total dedicação à sua arte. Morreu com cinquenta e seis anos de idade, em Viena (cidade onde se tinha definitivamente estabelecido em 1792). Apesar de construída em concordância com as convenções, os géneros e os estilos do classicismo vienense, na obra de Beethoven verifica-se a transformação e a expansão da herança de compositores como Haydn (1732-1809) e Mozart (1756-1791). Beethoven tornar-se-ia, então, numa figura determinante no Romantismo, de cuja influência nenhum compositor relevante à época conseguiu escapar. Compondo num estilo progressivamente mais pessoal, no fim da sua vida Beethoven escreveu algumas das suas mais profundas e sublimes obras. Das trinta e duas sonatas para piano que

Beethoven compôs, serão interpretadas no presente recital a *Sonata N.º 30 Op. 109*, e a *Sonata N.º 31 Op. 110*, pertencendo ambas à habitualmente designada “terceira fase” do percurso do compositor (decorrendo a primeira até 1802, a segunda entre 1803 e 1812 e, finalmente, a terceira entre 1813 e 1827). Composta em 1820, a *Sonata N.º 30*, em Mi Maior, Op. 109, foi dedicada a Maximiliane Brentano, filha de Franz e Antonie Brentano, amigos do compositor. A obra é escrita em três andamentos: o primeiro, relativamente curto, encontra-se ligado (sem interrupção) ao segundo andamento, que irrompe num tempestuoso *prestissimo* de estrutura tripartida; o terceiro andamento (significativamente mais longo que os dois primeiros) consiste numa sequência de seis variações (pouco habitual para um último andamento de sonata), terminando a peça com a recuperação do tema. A *Sonata N.º 31*, em Lá bemol Maior, Op. 110, foi escrita entre 1821 e 1822 e tem três andamentos. Tal como acontece na sonata anterior, os dois primeiros

andamentos são, no seu conjunto, manifestamente mais curtos que o terceiro, que, por sua vez, funciona como elemento unificador de toda a peça. Assim, praticamente todo o terceiro andamento é construído a partir de material temático dos andamentos anteriores: as duas fugas do terceiro andamento são construídas sobre o primeiro tema do primeiro andamento (na segunda fuga, o tema aparece invertido); o tema do arioso dolente do início do terceiro andamento parte da frase inicial do segundo andamento da sonata. De Beethoven será ainda interpretada uma selecção de bagatelas provenientes dos opus 119 (*Onze Bagatelas*, compostas entre 1820 e 1822) e 126 (*Seis Bagatelas*, escritas em 1824). Bagatelas são pequenas peças de carácter (escritas, habitualmente, sob uma matriz de leveza), sem uma estrutura formal fixa ou específica. O termo foi aplicado pela primeira vez em 1717 pelo compositor francês François Couperin (1668-1733).

Sónia Gonçalves da Silva



18 JUNHO Domingo

Teatro Municipal Joaquim Benite

16h00 Prelúdio dos Capuchos 3

Sobre Philip Glass e o minimalismo

Conversa pré-concerto com João Almeida e Nuno Galopim

18h00

Concerto de Encerramento

As Quatro Estações de Philip Glass

Orquestra de Câmara de Budapeste “Franz Liszt”

Jack Liebeck *Violino*

Filipe Pinto-Ribeiro *Piano e Direcção Musical*

P R O G R A M A

Arvo Pärt (1935-)	Orient & Occident (estreia em Portugal) Summa
Johann Sebastian Bach (1685-1750)	Concerto BWV 1056 1. <i>Allegro</i> 2. <i>Largo</i> 3. <i>Presto</i>
Philip Glass (1937-)	American Four Seasons Concerto Nº 2 para Violino e Orquestra (estreia em Portugal) <i>Prologue</i> <i>Movement 1</i> <i>Song Nº 1</i> <i>Movement 2</i> <i>Song Nº 2</i> <i>Movement 3</i> <i>Song Nº 3</i> <i>Movement 4</i>

NOTAS AO PROGRAMA

Durante a década de 1960, a música estoniana foi talhada por uma geração de compositores inovadores – entre eles, Eino Tamberg (1930-2010), Veljo Tormis (1930-2017), Jaan Rääts (1932-2020), Arvo Pärt (n. 1935) e Kuldar Sink (1942-1995) – adepta de uma abordagem mais moderna, sendo responsável pela introdução no país de alguns dos principais estilos e técnicas de composição do século XX, como o dodecafonismo e o serialismo, a colagem e a aleatoriedade. Contudo, nenhuma destas expressões viria a manter-se permanentemente na obra de Pärt. Após um impasse criativo (entre 1968 e 1976; período em que se dedicou ao estudo do canto gregoriano, da música da Escola de Notre-Dame e da polifonia renascentista), o compositor ressurgiu com a criação de uma nova técnica de composição, que designou por *tintinnabuli* (do latim *tintinnabulum*, significa pequeno sino; a técnica parte de uma textura homofónica a duas vozes – a melodia e a tríade – cujo curso e lógica interna seguem um esquema pré-determinado que se rege por complexos padrões matemáticos). A peça *Summa* surge nesta fase. Escrita originalmente para coro misto ou solistas (SATB) *a cappella*, em 1977, no presente concerto a peça será interpretada na sua versão para cordas,

realizada por Pärt em 1991. Será ainda apresentada, em estreia nacional, a obra *Orient & Occident*, composta por Pärt entre 1999 e 2000. Ambas as peças partem do texto litúrgico do credo niceno-constantinopolitano. Nas duas obras, o material musical encontra-se extremamente concentrado e reduzido apenas ao essencial, revelando a postura profundamente pessoal de Pärt face à sua arte (mas também face à vida), baseada nos valores cristãos e na busca pela verdade, pela beleza e pela pureza.

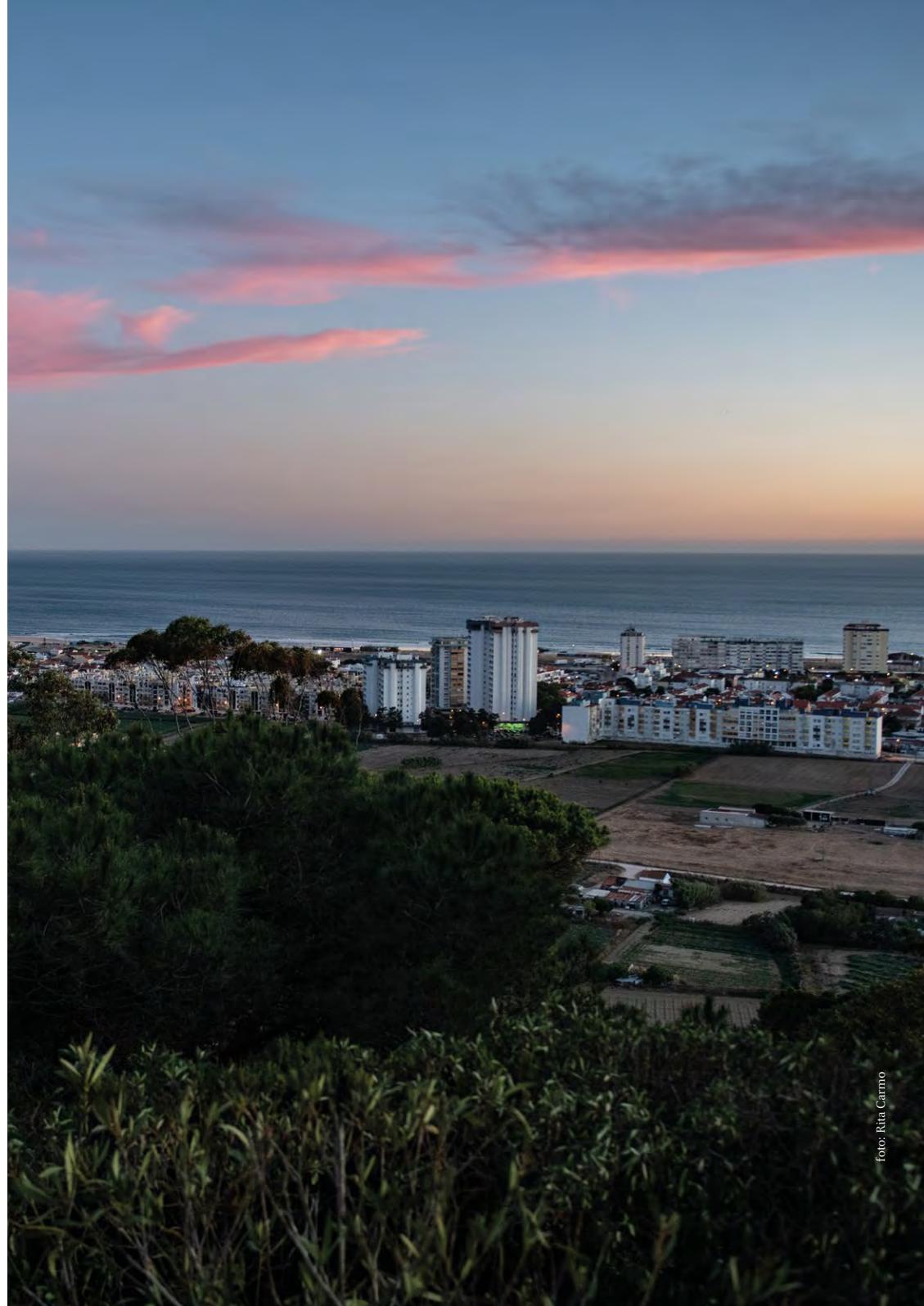
Também durante a década de 1960, mas nos Estados Unidos da América, um grupo de compositores começou a explorar a possibilidade de trabalhar a partir de uma redução intencionalmente drástica dos vocabulários rítmico, melódico e harmónico. Este grupo incluiu compositores como La Monte Young (n. 1935), Terry Riley (n. 1935), Steve Reich (n. 1936) e Philip Glass (n. 1937), que, tentando libertar-se do peso e da complexidade das convenções formais da música ocidental (e influenciados por linguagens tão variadas como as do *jazz*, do *rock* ou dos ragas indianos) criaram uma das mais influentes correntes musicais da segunda metade do século XX, o minimalismo. Assumindo uma atitude musical de meditação e contemplação,

estes compositores procuravam criar uma espécie de *continuum* sonoro, caracterizado, essencialmente, por estruturas tonais/modais estáticas e pela repetição de um pequeno número de fórmulas melódico-rítmicas (com ligeiras variantes). Após um período quase exclusivamente conotado com a estética do minimalismo (desde meados da década de sessenta até cerca de 1974), a produção subsequente de Glass foi crescendo em conteúdo expressivo. Devem igualmente destacar-se os seus contributos nos universos do teatro, do cinema e da dança, assim como as suas frequentes colaborações com músicos de outros contextos musicais, como Ravi Shankar, Paul Simon, David Byrne, Laurie Anderson ou David Bowie (cujo disco *Low*, de 1977, foi alvo de uma versão sinfónica produzida por Glass em 1992). **O Concerto N.º 2 para Violino e Orquestra, “American Four Seasons”** foi escrito em 2009 e conhece no presente concerto a sua estreia em Portugal. Pretende funcionar como contraponto das célebres “*Quatro Estações*” de Antonio Vivaldi (1678-1741). A peça tem quatro andamentos e incluiu o sintetizador (cujo espectro tímbrico – sempre precisamente

especificado pelo compositor – é revelado especialmente nas passagens em duo com o violino solista). Para além dos quatro andamentos, Glass escreveu um prelúdio e três “canções” para o solista, que precedem, respectivamente, cada um dos andamentos. Contrariamente ao que acontece nas estações de Vivaldi (onde cada andamento é acompanhado por um sugestivo soneto), Glass optou por não definir a que estação se refere cada um dos andamentos do seu concerto, deixando à interpretação de cada ouvinte a sua identificação.

Para pontuar as composições de Pärt e Glass, o alinhamento do presente programa contempla o **Concerto, BWV 1056**, um dos mais afamados concertos para teclas de **Johann Sebastian Bach** (1685-1750), graças, indubitavelmente, à beleza profundamente comovente do seu *Adagio*, o segundo andamento dos três que compõem o concerto. Escrita em 1738, a peça resulta, muito provavelmente, de um arranjo de uma obra anterior do próprio compositor.

Sónia Gonçalves da Silva



22 JUNHO 5ª feira

21h00 Convento dos Capuchos

Poslúdio dos Capuchos
O Quarteto para o Fim do Tempo

DSCH – Schostakovich Ensemble

Pascal Moraguès *Clarinete*

Esther Hoppe *Violino*

Christian Poltéra *Violoncelo*

Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*

P R O G R A M A

- Olivier Messiaen (1908-1992)** *Quatuor pour la Fin du Temps*
1. *Liturgie de cristal* | Liturgia de Cristal
 2. *Vocalise, pour l'Ange qui annonce la fin du temps*
Vocalizo para o Anjo que anuncia o Fim do Tempo
 3. *Abîme des oiseaux* | Abismo dos Pássaros
 4. *Intermède* | Interlúdio
 5. *Louange à l'Éternité de Jésus*
Louvor à Eternidade de Jesus
 6. *Danse de la fureur, pour les sept trompettes*
Dança da Fúria para os Sete Trompetes
 7. *Fouillis d'arcs-en-ciel, pour l'Ange qui annonce la fin du temps* | Confusão de arco-íris, para o Anjo que anuncia o Fim do Tempo
 8. *Louange à l'Immortalité de Jésus*
Louvor à Imortalidade de Jesus

NOTAS AO PROGRAMA

Olivier Messiaen (1908-1992) foi um dos mais notáveis compositores do século XX. Peça-chave para a compreensão do contexto musical da segunda metade do século, Messiaen traçou um caminho criativo único e original, distinguindo-se igualmente enquanto organista e professor. De seus pais herdou o gosto pelas letras (a mãe era poetisa e o pai um reconhecido tradutor de Shakespeare) e cedo se interessou também pela música: entre os sete e os nove anos de idade começou a compor e a tocar piano; aos dez anos já conhecia algumas obras de Gluck, Mozart, Berlioz e Wagner, e repertório para piano de Debussy e Ravel; em 1919, com apenas onze anos, entrou para o Conservatório de Paris, onde integrou as classes de Jean Gallon (Harmonia), Georges Caussade (Contraponto e Fuga), Paul Dukas (Composição), Marcel Dupré (Órgão e Improvisação), Georges Falkenberg (Piano), César Abel Estyle (Acompanhamento ao Piano), Joseph Baggers (Tímpanos e Percussão) e Maurice Emmanuel (História da Música). Terminou o seu percurso no Conservatório em 1930 e logo no ano seguinte foi nomeado organista titular da Igreja da Santíssima Trindade, em Paris (lugar que viria a ocupar durante mais de sessenta anos, até ao final da sua vida). Em 1936, juntamente

com André Jolivet (1905-1974), Yves Baudrier (1906-1988) e Daniel-Lesur (1908-2002), fundou o grupo “La Jeune France”, com a intenção de reformar a música francesa através da recuperação do princípio da espiritualidade nas artes, promovendo e apresentando música “viva”, livre de *clichés* académicos ou revolucionários. Na mesma altura, tornou-se professor na École Normale de Musique e na Schola Cantorum, e mais tarde, no Conservatório de Paris, iniciando assim uma importantíssima actividade pedagógica que influenciou, de forma decisiva, uma jovem geração de compositores europeus – entre os quais Iánnis Xenákis (1922-2001), Pierre Boulez (1925-2016) e Karlheinz Stockhausen (1928-2007) – que viria a revolucionar o panorama musical após a Segunda Guerra Mundial.

Com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, Messiaen deparou-se com um dos acontecimentos certamente mais impactantes da sua vida: após ter sido chamado para cumprir serviço militar (pouco tempo depois da guerra começar), o compositor foi capturado pelas tropas alemãs, em Maio de 1940, e levado para um campo de prisioneiros de guerra em Görlitz (na Silésia Ocidental). E foi neste contexto inusitado que Messiaen compôs, entre o final de 1940 e o início de 1941, uma

das obras-primas da História da Música, o *Quatuor pour la Fin du Temps*. A primeira apresentação do quarteto teve lugar, como é sabido, em pleno campo, numa noite do mês de Janeiro de 1941, diante de uma plateia de prisioneiros, reunida sob as profundezas do Inverno. A estreia aconteceu com o próprio compositor ao piano, acompanhado por outros três reclusos: o clarinetista argelino Henri Akoka, o violinista Jean Le Boulaire e o violoncelista Étienne Pasquier. O título do quarteto – tal como os títulos dos andamentos números 2, 6 e 7 (respectivamente, “Vocalise, pour l’Ange qui annonce la fin du temps”, “Danse de la fureur, pour les sept trompettes” e “Fouillis d’arcs-en-ciel, pour l’Ange qui annonce la fin du temps”) – remete para o décimo capítulo do *Livro do Apocalipse*. Apesar de se tratar de um quarteto, os quatro instrumentos reúnem-se apenas nos andamentos números 1, 2, 6 e 7, sendo o terceiro andamento escrito para clarinete solo, o quarto para trio (sem piano), o quinto para violoncelo e piano e, finalmente, o oitavo para violino e piano. Para a composição da obra, Messiaen convocou material já usado em peças anteriores:

o quinto andamento parte da obra *Fête des belles eaux*, de 1937, para seis ondas Martenot; o oitavo andamento deriva do segundo quadro da peça *Diptyque, essai sur la vie terrestre et l'éternité bienheureuse*, de 1930, para órgão. A partitura revela o rigor e a objectividade que caracterizam a abordagem composicional de Messiaen (sistemizada, aliás, na obra *Technique de mon langage musical*, de 1944), sendo possível detectar alguns dos recursos habituais na linguagem do compositor (ritmos com valores acrescentados e não-retrogradáveis; modos de transposição limitada; apropriação do canto dos pássaros). Acima de tudo, o quarteto parece sublinhar a natureza profundamente mística e religiosa de Messiaen, para quem a música, mais do que se constituir como forma de expressão pessoal, era antes uma forma objectiva de realização da beleza e da perfeição de Deus.

Sónia Gonçalves da Silva

ARTISTAS



foto: Lyodoh Kaneko



foto: Rita Carmo

QUARTETO HERMÈS

Em referência ao célebre mensageiro da mitologia grega, o Quarteto Hermès retira a sua força musical do seu papel de mediador entre o texto do compositor e a sensibilidade do público. Uma identidade que os músicos estabelecem também através das suas viagens pelos quatro cantos do mundo. O Carnegie Hall de Nova Iorque, a Cidade Proibida de Pequim ou o Wigmore Hall de Londres são algumas das salas que mais os marcaram. O quarteto tem também participado em festivais internacionais na Europa e Ásia. O grupo nasceu em 2008 entre as paredes do Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Lyon, onde estudaram sob orientação dos músicos do Quarteto Ravel. Cruzaram-se de seguida com diversos grupos e personalidades musicais marcantes, como o Quarteto Ysaÿe, o Quarteto Artemis, Eberhard Feltz e, mais tarde, Alfred Brendel, imensa fonte de inspiração e com quem continuam a trabalhar com regularidade. Abertos a todos os repertórios, são frequentemente convidados a partilhar o palco com músicos eméritos como Yo-Yo Ma, Nicholas Angelich, Gregor Sigl, Pavel

Kolesnikov, Kim Kashkashian, Anne Gastinel, ou ainda os Quartetos Ébène e Auryn. Agraciados com numerosos primeiros prémios – entre os quais podemos destacar o do Concurso Internacional de Genebra, ou o do Young Concert Artists Auditions de Nova Iorque –, são ainda apoiados pela Fondation Banque Populaire. Foi o quarteto residente da Chapelle Musicale Reine Élisabeth, na Bélgica, e é o quarteto associado da Fondation Singer-Polignac, de Paris. A sua colaboração próxima e privilegiada com a editora discográfica francesa La Dolce Volta resultou na gravação integral dos quartetos de Schumann, bem como num álbum dedicado a Ravel, Debussy e Dutilleux, ambos objectos de numerosos elogios por parte da imprensa especializada. A sua gravação do quinteto de Brahms, em colaboração com o pianista Geoffroy Couteau, valeu-lhes a distinção *Choc de l'Année 2019* da revista *Classica*. O seu disco mais recente é dedicado aos quartetos *Rosamunde e Der Tod und das Mädchen*, de Franz Schubert e tem recebido grandes elogios por parte da crítica especializada.



FILIPE PINTO-RIBEIRO

Filipe Pinto-Ribeiro é um dos grandes pianistas portugueses da actualidade e um dos que mais reconhecimento internacional conquistou enquanto solista e músico de câmara. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, onde estudou com a célebre professora Lyudmila Roschina, Filipe encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas principais salas e com as principais orquestras portuguesas, e de vários países, em alguns dos principais palcos e prestigiadas séries de concertos da Europa e América. Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH-Schostakovich Ensemble (de que é director artístico), um agrupamento de geometria variável onde Filipe se tem reunido, ao longo dos últimos quase 20 anos, a muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo para concertos um pouco por todo o mundo. Foi também a partir desse Ensemble

que criou em 2015 o Festival e Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa e que se constitui hoje inquestionavelmente como um dos mais importantes festivais e academias musicais de Verão do mundo. É também director artístico do Festival Bragança ClassicFest e curador do Ciclo de Concertos MUSIC4L-MENTE, no Porto, sua cidade natal. Dentre a sua discografia aclamada internacionalmente, destaque-se, a solo, o CD 'Piano Seasons', com obras de Tchaikovsky, Carrapatoso e Piazzolla/Nisinman e, em música de câmara, a integral para piano e cordas de Schostakovich e um disco com Trios de Beethoven, todos três editados pela Paraty/Harmonia Mundi. Recebeu em 2014, da prestigiada marca de pianos Steinway & Sons, a distinção oficial de "Artista Steinway". Desde 2021, Filipe Pinto-Ribeiro é o director artístico do Festival de Música dos Capuchos.





foto: Nicola Fosella



I SOLISTI VENETI

Considerada a mais famosa orquestra de câmara italiana, “I Solisti Veneti”, foi fundada pelo maestro Claudio Scimone em 1959 e, sob a sua direcção e liderança musical, rapidamente ascendeu aos mais altos níveis de brilhantismo internacional e conquistou a admiração incondicional do público e da crítica, com um número superior a 6000 concertos em mais de 90 países, participação nos mais importantes Festivais Internacionais (mais de 30 concertos no Festival de Salzburgo), gravações de mais de 350 LP, CD e DVD, e uma rica selecção de publicações musicais e históricas. O quinquagésimo aniversário dos “I Solisti Veneti”, em 2010, foi celebrado na Basílica de Santo António, em Pádua, na presença do Presidente da República Italiana, e posteriormente, em Dezembro de 2010, com o concerto oficial de Natal no Senado. “I Solisti Veneti” e Claudio Scimone obtiveram os mais altos prémios no campo musical, desde o *Grammy Award* em Los Angeles até vários *Grand Prix du Disque* da Charles Cros Academy em Paris e o da Académie du Disque Lyrique, entre muitos outros. Em 2008, no Teatro La Fenice de Veneza, receberam da

Associação Arthur Rubinstein o prémio “Una Vita per la Musica”, que em Itália é considerado o Prémio Nobel da música. Por ocasião do seu 50º aniversário (2008), o Parlamento Europeu homenageou “I Solisti Veneti” com uma placa oficial onde são elogiados como “Embaixadores da cultura e da música além-fronteiras”. “I Solisti Veneti” foram protagonistas de várias gravações televisivas de referência, incluindo uma interpretação de “As Sete Últimas Palavras” de Haydn na Capela Scrovegni em Pádua (dirigido por Ermanno Olmi), o “Vivaldi peintre de la musique” de François Reichenbach e muitos outros. A orquestra trabalhou com os melhores cantores e solistas da nossa época, entre os quais Plácido Domingo, Andrea Bocelli, José Carreras, June Anderson, Itzhak Perlman, Sviatoslav Richter, Jean Pierre Rampal, James Galway, Salvatore Accardo, para citar apenas alguns. Após o falecimento, em 2018, de Claudio Scimone, fundador e director dos “I Solisti Veneti”, Clementine Hoogendoorn Scimone e o novo director artístico e musical, Giuliano Carella, continuam a perpetuar o legado espiritual e estético do Maestro.

LENA BELKINA

Após receber o 1º Prémio no Concurso Internacional de Canto Borys Hmyria de 2008, em Kyiv, a ucraniana mezzo-soprano Lena Belkina ingressou na Ópera de Leipzig, com apenas 21 anos. Posteriormente, tornou-se solista da famosa Ópera Estatal de Viena. Foi nomeada pelo International Opera Awards como jovem cantora da temporada 2020/21. Lena Belkina é frequentemente convidada por importantes temporadas de concertos, como Jerusalém, Monte Carlo e Konzerthaus de Viena, onde acompanhou o famoso tenor José Carreras na sua digressão de despedida. Belkina deu o passo decisivo para a ribalta internacional em 2012, com o papel de Angelina na ópera *La Cenerentola*, de Rossini. A gravação em vídeo ao vivo foi premiada com o 64º Prix Itália e recebeu o Prémio do público do Festival de Varsóvia. Desde então, esta versão cinematográfica foi exibida na TV em vários países do mundo. Lena Belkina é aclamada como

intérprete de bel canto e de Rossini. Participou no Festival de Ópera Rossini na ópera “Aureliano em Palmira”, que ganhou um International Opera Award, em 2015. Durante as passadas temporadas, foi convidada por vários dos principais teatros de ópera e produções mundiais, como o Teatro di San Carlo Napoli, Opéra de Lausanne, Grand Théâtre de Genève, New National Theatre em Tóquio e Wiener Staatsoper. Gravou dois CDs para a SONY Music: após o seu aclamado álbum de estreia “Dolci Momenti”, com árias de Rossini, Bellini e Donizetti (2015), seguiu-se “Classic Vienna”, com obras de Mozart, Gluck e Haydn, acompanhada pela Orquestra Sinfónica da Rádio ORF (2017), e o álbum “Spring Night”, com canções de Tchaikovsky e Rachmaninov, lançado pela editora Solo Musica, em 2021. No final de 2022, lançou um CD de tributo às suas origens – “Passion for Ukraine” – onde canta obras de compositores ucranianos.



MARIO HOSSEN

Violinista e maestro austro-búlgaro Mario Hossen é considerado um dos principais intérpretes da música de Paganini. Como solista aclamado internacionalmente, Hossen tocou com orquestras de renome, como a Filarmónica de Londres, a Sinfónica de Viena, a Orquestra della Scala di Milano, Academy of St. Martin in the Fields, English Chamber Orchestra, a Sinfónica Tchaikovsky de Moscovo, entre muitas outras. Elogiado pelo seu virtuosismo ímpar e pela presença carismática em palco, Hossen toca um repertório que vai do Renascimento à música contemporânea e ao jazz. Recebeu vários prémios de prestígio, entre eles o Prémio Cidade de Sófia, Músico do Ano. É director artístico do Festival Internacional de Varna, o mais antigo festival de música da Bulgária (1926), recentemente premiado pela Associação Europeia de Festivais.

Os seus esforços musicológicos e artísticos estão focados, entre outros temas, na pesquisa sobre Paganini. Hossen editou a obra completa de Paganini para violino solo e para violino com orquestra, que está disponível como edição histórico-crítica pela editora austríaca Doblinger. Gravou vários álbuns aclamados com a estreia mundial das peças mais famosas de Paganini na sua versão original, editadas pela principal editora italiana “Dynamic”. Os seus lançamentos mais recentes incluem as sonatas para violino e piano de Beethoven, os concertos para violino de Paganini e Bruch e as sonatas para violino e cravo de Bach, gravadas em conjunto com Barbareschi. Como maestro, dirige a Orquestra de Câmara de Viena na temporada de concertos “Concert Spirituel”, em Viena. Hossen toca num violino construído por G.B. Guadagnini (1749), cedido para o seu uso exclusivo pelo Banco Nacional da Áustria.

DENIZ UZUN

Recente vencedora do Elizabeth Connell Prize e do Eva Marton Special Prize, a cantora de origens turca e alemã Deniz Uzun reflecte as suas raízes culturais e a sua personalidade artística nos seus papéis operáticos. Estudou Lied e oratória na Escola Superior de Música de Mannheim e recebeu um *Artist Diploma* da Jacobs School of Music em Bloomington, EUA. Nos últimos anos tem trabalhado no seu desenvolvimento vocal com Oylun Erdayi e Sherman Lowe. Ao longo da sua carreira, Deniz Uzun trabalhou com maestros como Marco Armiliato, William Christie, Tomáš Hanus, Jakup Hrůša, Vladimir Jurovski, Gianandrea Noseda, Kirill Petrenko, Vasily Petrenko, Nello Santi, Markus Poschner e Simone Young, bem como com os encenadores Calixto Bieito, Robert Carsen, Jan Essinger, Andreas Homoki, Nina Russi, Dmitri Tcherniakov e Krzysztof Warlikowski. Deniz foi cantora da Ópera de Zurique entre 2016 e 2021, onde se apresentou

em papéis principais como Hänsel (*Hänsel und Gretel*), L’Enfant (*L’Enfant et les sortilèges*), Zelim (*La verità in cimento*), Jacob (*Gold!*) e Ronja (*Ronja Räubertochter*). Em 2021/22 estreou-se em vários papéis como Dido (*Dido and Aeneas*) no Teatro Massimo em Palermo, Olga (*Eugene Onegin*) na Komische Oper Berlin e nos papéis principais em Zanetto (*Mascagni*) e Carmen no Landestheater Salzburg com direcção de Gabriel Venzago. Actualmente, é cantora da Komische Oper Berlin, apresentando-se esta temporada nos papéis de Una Donna (*Intolleranza 1960*), Meg Page (*Falstaff*) e Terceira Dama (*Flauta Mágica*), bem como Dorabella (*Così fan tutte*) numa produção de Kirill Serebrennikov. Outros convites levam-na a estreias nos papéis de Orlofsky (*Die Fledermaus*) no Teatro Carlo Felice em Génova, sob a direcção de Fabio Luisi, e Waltraute (*Götterdämmerung*) no festival Budapest Wagner Days.



DAVID SANTOS

O pianista David Santos apresenta-se internacionalmente em colaboração com diversos cantores, centrando a sua actividade concertística no repertório de canção. Estudou com os pianistas Leonard Hokanson, Axel Bauni e Irwin Gage. Em 2009, venceu os primeiros prémios no 7º Concurso Internacional Schubert e de Música Moderna em Graz e no 1º Concurso Internacional Schubert para duos de Lied em Dortmund. David Santos realizou recitais em salas como a Konzerthaus e a Philharmonie de Berlim, os Teatros de Kassel e Meiningen, o Centro de Artes de Singel em Antuérpia e a Tonhalle de Zurique, bem como no Tanglewood Music Festival nos Estados Unidos. Em Portugal, actuou nos Teatros de S. Carlos, S. Luiz e Rivoli e participa regularmente em vários festivais internacionais de música. A sua discografia inclui o ciclo Winterreise

de Franz Schubert com o barítono Luís Rodrigues (*AboutMusic*), canções de Schubert, Brahms, Schönberg e Busoni com o baixo-barítono Tomasz Wija (*Thorofon*) e os ciclos Op. 35, 36 e 40 de Robert Schumann com o barítono André Baleiro (*Codax*). Foi professor de Lied na Escola Superior de Música Franz Liszt em Weimar entre 2010 e 2019 e realizou masterclasses em Portugal, na Alemanha, no Brasil e na Finlândia. Tanto no seu trabalho artístico como pedagógico, dedica uma especial atenção à relação entre a análise e a interpretação musicais, bem como à apresentação de concertos através da moderação com o público. Actualmente, é professor de Lied na Escola Superior de Música e Dança em Mannheim e professor de Piano na Universidade das Artes (UdK) em Berlim.



MARCELO NISINMAN

Natural de Buenos Aires, Marcelo Nisinman é um dos mais conceituados bandoneonistas solistas do nosso tempo, além de autor de uma vasta obra enquanto compositor e arranjador, que vai desde solos até obras para orquestra sinfónica. Estudou na sua cidade natal e contactou muito proximamente com Astor Piazzolla, de quem se pode dizer que foi o único verdadeiro discípulo. Completou os estudos de composição com Detlev Müller-Siemens, em Basileia, cidade onde fixou residência. Como artista transversal que é, já se apresentou em concerto, em gravações ou desenvolveu projectos com grandes intérpretes vindos quer da música clássica, quer das músicas tradicionais, assim como com orquestras, *big bands* e *ensembles*, tais como Martha

Argerich, Gidon Kremer, Gary Burton, Fernando Suarez Paz, Irmãos Assad, WDR Big Band, Philadelphia Orchestra dirigida por Charles Dutoit, entre muitos outros. Criou, em 2009, o *ensemble* Tango Factory (quarteto), junto com o clarinetista Chen Halevi e, em 2018, apresentou o seu novo *ensemble* FRANZ (quinteto), em Buenos Aires. Nisinman foi compositor/em residência, compositor convidado ou intérprete em renomados festivais de música de câmara um pouco por toda a Europa. Como compositor, tem criado reportório que junta o bandoneón à orquestra de cordas ou à orquestra sinfónica, como “Dark Blue Tango”, editada pela Ricordi. A sua discografia compreende nove CD muito elogiados pela crítica especializada.



foto: Guido Werner

ANA KARINA ROSSI

Considerada uma das vozes mais destacadas do tango actual, Ana Karina Rossi é uma cantora e autora uruguaia com uma extensa carreira internacional em inúmeros palcos mundiais, em colaboração com artistas de diversas disciplinas e nacionalidades. Integra várias formações musicais com músicos de renome. Nascida em Montevideo, estudou piano e musicologia na Escuela Universitaria de Música. Continuou os seus estudos em Buenos Aires, na Academia Nacional del Tango, e posteriormente em Londres, onde se aperfeiçoou com a soprano Beatriz Lozano. Gravou vários discos, entre os quais se destacam “Tango y Gotan”, juntamente com o pianista Alberto Magnone e o poeta Horacio Ferrer, com quem fez várias digressões internacionais.

Ferrer foi o poeta de várias das famosas canções de Astor Piazzolla, autor do libreto da famosa ópera-tango “Maria de Buenos Aires” e de Ana Karina disse ser “um coração que canta”, confiando-lhe a estreia de várias obras suas. Em 2021, Ana Karina Rossi lançou “Voyage”, o seu último álbum, com o compositor Hugo Fattoruso. Paralelamente à sua carreira como cantora, é produtora e directora artística de projectos multiculturais envolvendo música, dança, cinema, rádio e televisão. Ana Karina Rossi desenvolve também um intenso e reconhecido trabalho pedagógico há mais de uma década, com presença assídua em festivais e masterclasses por toda a França e principalmente em Paris, onde reside desde 2012.

DAVID CASTRO-BALBI

David Castro-Balbi começou a tocar violino com 5 anos. Mais tarde, concluiu a sua formação no Conservatório Superior de Música de Paris, na classe de Svetlin Roussev, na Escola Superior de Música Hanns Eisler de Berlim, na classe de Kolja Blacher, e na Escola Superior de Música Franz Liszt, em Weimar, na classe de Friedemann Eichhorn. Em 2009, com apenas 15 anos, foi escolhido para tocar a solo na Sala Victoria, em Genebra, e no Théâtre du Champs Elysées, em Paris, sob a direcção de Seiji Ozawa. Ganhou vários Primeiros Prémios de violino em concursos nacionais e internacionais, como o Young Artist

Competition, em Colorado, o Mirecourt International Violin Competition, o International Louis Spohr Competition for Young Violinists, em Weimar, o Bacewicz Chamber Music International Competition, em Łódź, entre outros. David foi violinista solista da orquestra do Theater Gera-Altenburg e da orquestra Staatskapelle Weimar. Apresenta-se frequentemente em trio com o violoncelista Alexandre Castro-Balbi e o pianista Lucas Debargue. David Castro-Balbi toca um instrumento feito por Giovanni Battista Guadagnini (1690), que chegou a pertencer ao célebre violinista, maestro e compositor Louis Spohr.



foto: Rita Carmo

TIAGO PINTO-RIBEIRO

Nascido no Porto, Tiago Pinto-Ribeiro estudou na ESMAE, na sua cidade natal, e depois ingressou na UdK (Universidade das Artes) de Berlim, onde estudou com Michael Wolf e concluiu o seu mestrado e diploma artístico em contra baixo. Ao longo do seu percurso, foi laureado com o 1º Prémio no Concurso Internacional “Júlio Cardona” e recebeu uma menção honrosa no Concurso Internacional de Contra baixo da ISB (International Society of Bassists), em Houston. Integrou algumas das melhores orquestras mundiais: Orquestra Sinfónica NDR de Hamburgo, Orquestra Sinfónica de Berlim, Orquestra Filarmónica NDR de Hannover, Orquestra Sinfónica da

Galiza, entre outras, onde foi dirigido por maestros consagrados, como Claudio Abbado, Christoph von Dohnányi, Kent Nagano e Christoph Eschenbach.

No âmbito da música de câmara, é membro do DSCH – Schostakovich Ensemble e colaborou, em Portugal e em vários países europeus, com grandes músicos como Gérard Caussé, Pascal Moraguès, Adrian Brendel, Marcelo Nisinman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Corey Cerovsek, Benjamin Schmid, José van Dam, Silvia Careddu e o seu irmão Filipe Pinto-Ribeiro. Tiago Pinto-Ribeiro é contra baixista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Professor de Contra baixo e Música de Câmara na Universidade de Aveiro.

ROSA MARIA BARRANTES

A pianista Rosa Maria Barrantes iniciou a sua formação pianística na sua cidade natal (Lima, no Peru), prosseguindo depois na Universidade Católica de Santiago do Chile, onde se graduou sob a orientação de Maria Iris Radrigán. Posteriormente, estudou no célebre Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, com a pianista Natalia Troull, vindo a doutorar-se pela mesma instituição com elevadas classificações. É dessa altura, em Moscovo, que data o seu duo pianístico com Filipe Pinto-Ribeiro, com quem gravou um CD dedicado à música francesa, e que se tem vindo a apresentar nas duas últimas décadas em Portugal, nos Estados Unidos e em vários países

europeus.

Em música de câmara, foi membro do Trio Americano e é colaboradora frequente do DSCH – Schostakovich Ensemble. Tocou com grandes músicos do panorama internacional, como Anna Samuil, Corey Cerovsek, Adrian Brendel, Pascal Moraguès, Marcelo Nisinman, Héctor del Curto, Chen Halevi, Jack Liebeck e Gary Hoffman, entre outros.

Rosa Maria Barrantes foi Professora de Piano e Música de Câmara na Licenciatura em Música do Instituto Piaget, em Almada e, actualmente, é docente de Piano no Conservatório Metropolitano de Lisboa e coordenadora do Festival e Academia Verão Clássico, em Lisboa.



foto: Rita Carmo

ALBERTO MESIRCA

O italiano Alberto Mesirca é considerado um dos mais destacados guitarristas da sua geração. Após completar os estudos no Conservatório de Castelfranco Veneto, foi para Kassel estudar com Wolfgang Lendle.

Divide a sua actividade entre concertos, conferências, cursos e masterclasses um pouco por todo o mundo, apresentando-se a solo, em duo, em *ensembles* de câmara e com orquestra. O seu repertório vai desde o Renascimento até à música do nosso tempo, tendo, por exemplo, já estreado obras de Leo Brouwer e de György Kurtág. Foi o responsável, em colaboração com Hopkinson Smith e Franco Pavan, pela primeira publicação

moderna das obras de Francesco da Milano constantes de um manuscrito de música para alaúde data de 1565 guardado em Castelfranco Veneto. Na sua discografia, o destaque vai para o Prémio Gramophone para o “Melhor Álbum Conceptual”, atribuído ao CD ‘Chaconne’, no qual participou enquanto elemento do Ensemble O/Modernt de Hugo Ticciati. Também recebeu duas “Chitarre d’Oro” (Convenção Internacional de Alessandria/Piemonte) em 2007 e 2013 por outras duas gravações. Actualmente, Alberto Mesirca é professor no Conservatório onde se formou, em Castelfranco Veneto, em Itália.

OFFICIUM ENSEMBLE

O Officium Ensemble tem-se estabelecido como um dos mais proeminentes grupos vocais portugueses dedicados à música antiga. A pureza do som que lhe é característico advém do trabalho de fusão, emissão e equilíbrio que o grupo tem desenvolvido desde a sua criação, sob a direcção de Pedro Teixeira. Aliados a esta característica, o empenho e expressividade dos cantores do *ensemble* têm levado o Officium Ensemble a ser aclamado pelas suas performances marcantes e consistentes. O repertório que domina estende-se por todo o período do Renascimento, início do Barroco e música contemporânea, dedicando-se com especial enfoque à

música antiga portuguesa. O *ensemble* tem actuado em inúmeros locais e festivais de música antiga, desde as Jornadas Internacionais Escola de Música da Sé de Évora e Festival Música em São Roque, passando pelos festivais Terras sem Sombra, Dias da Música (CCB), Festival de Órgão de Lisboa, Festival Internacional de Música de Marvão e Cistemúsica (Alcoçaba). Desde há alguns anos, Officium Ensemble tem sido presença regular em importantes festivais internacionais de música antiga, tais como o Festival AMUZ Laus Polyphoniae, em Antuérpia, e o Festival de Música Antiga de Utrecht – Oude Muziek.



PEDRO TEIXEIRA

Pedro Teixeira é um maestro coral de primeira linha no actual panorama europeu. Diplomado e Mestre em Direcção Coral pela Escola Superior de Música de Lisboa, a sua experiência profissional inicial passou, em Portugal, pelo Grupo Coral de Queluz (2000-12) e pelo Coro Eborae Musica (1997-2013), além de três coros com os quais mantém regular actividade: o Coro Gulbenkian, que integrou, primeiro; de que foi maestro-ensaiador, depois; e que dirige como maestro-convidado, na actualidade; o Officium Ensemble, que criou em 2000 e voltado ao repertório dos séculos XVI e XVII; e o Coro Ricercare, que dirige desde 2001 e centrado no repertório moderno e contemporâneo.

A nível internacional, avultam os seis anos (2012-18) em que esteve à frente do Coro da Comunidade Autónoma

de Madrid, ali desenvolvendo uma tripla actividade de ensaiador, maestro-preparador para repertório de concerto (Auditório Nacional de Música) e de ópera (no Teatro Real).

A actividade desenvolvida com o Coro Gulbenkian e o da Comunidade de Madrid permitiu-lhe trabalhar de perto com grandes maestros do repertório coral-sinfónico.

Com o Officium Ensemble, já se apresentou em alguns dos mais prestigiados festivais de música antiga da Europa.

É desde 1997 director das Jornadas Internacionais “Escola de Música da Sé de Évora”, centradas na polifonia renascentista portuguesa.

Actualmente, exerce funções docentes na Escola Superior de Música e na Escola Superior de Educação de Lisboa.



MARIANNA SHIRINYAN

Nascida na Arménia, Marianna Shirinyan é uma das pianistas mais requisitadas da actualidade.

Aborda um amplo repertório e a sua musicalidade vibrante e virtuosa manifesta-se, tanto a solo como em música de câmara.

Recebeu o prestigioso prémio P2 da Rádio da Dinamarca, pela sua contribuição para a vida musical dinamarquesa e o prémio da crítica da associação de críticos dinamarqueses.

É frequentemente convidada para vários festivais internacionais de música, entre os quais Schleswig-Holstein, Bodensee, Schwetzingen, MDR e Bergen.

Apresenta-se regularmente como solista com grandes orquestras europeias,

como a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa, as Filarmónicas de Oslo, Helsínquia e Copenhaga, as Sinfónicas de Munique, de Gotemburgo e da BBC, entre outras, sob a direcção de maestros como Michael Balke, Lawrence Foster, Zoltan Kocsis, Antonello Manacorda, Jun Märkl, Thomas Søndergård e Krzysztof Urbanski.

É directora artística de vários festivais de música de câmara e gravou diversos CD que receberam distinções e rasgados elogios da crítica internacional.

Artista Steinway, Marianna Shirinyan é professora de piano na Academia Real Dinamarquesa e na Academia Norueguesa de Música de Oslo.





foto: Sylvain Barrès

JUVENTUS ENSEMBLE

Colhendo o seu nome na deusa da juventude da mitologia romana, o Juventus Ensemble (JuvE) é um novo projecto musical, no âmbito da música de câmara, com o objectivo de se tornar uma referência de qualidade e um catalisador de oportunidades para jovens músicos de reconhecido talento. O concerto de estreia teve lugar na Igreja de São Francisco em Outubro de 2022, incluído na programação do Festival Bragança ClassicFest, com obras de Eurico Carrapatoso e Antonín Dvořák. Em Fevereiro de 2023 no Porto, o JuvE fez a estreia mundial do Sexteto “Dreaming and Thinking” do

compositor norte-americano Bruce Adolphe, no âmbito do Ciclo MUSIC4L-MENTE, no Mosteiro de São Bento da Vitória. Agrupamento musical de geometria variável, o JuvE promove concertos e residências, com a colaboração de artistas consagrados, no intuito de acolher e valorizar os melhores valores emergentes do panorama musical nacional, abordando um repertório de diversas épocas e estilos musicais. O Juventus Ensemble tem direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro e conta com o apoio da Direcção-Geral das Artes.

SÓNIA PAIS

Sónia Pais é, desde Janeiro de 2022, flauta solo da Orquestra Gulbenkian. Paralelamente, encontra-se a prosseguir os estudos de Mestrado na Hochschule für Musik und Theater, em Munique, na classe da professora Andrea Lieberknecht. Estudou na Hochschule für Musik “Hanns Eisler” Berlin, na classe do professor Benoît Fromanger, concluindo a sua licenciatura com a máxima classificação. Durante os seus estudos, foi bolseira da Lucia-Loeser Stipendium, bolsa de estudos atribuída por “talento excepcional”. Em 2021, venceu o Concurso Internacional de Música de

Gondomar, sendo-lhe atribuído o Prémio Excelência; obteve também o terceiro prémio no concurso finlandês Tampere Flute Fest – “Piccolo Orchestral Competition”. Nesse mesmo ano, foi academista da Mendelssohn-Orchesterakademie da Gewandhausorchester e membro da Junge Deutsche Philharmonie. Ao longo do seu percurso, colaborou ainda com orquestras como Dresdner Philharmonie, Tchaikovsky International Orchester Ekaterinburg, Orquestra Clássica de Espinho, Orquestra de Jovens de la Sinfónica de Galicia, Orchester der Russische-Deutsche Musik Akademie.



foto: Anna-Tia Buss



LUÍSA BANDEIRA

Natural de Vila Nova de Gaia, inicia os seus estudos na Escola de Música de Perosinho e, posteriormente, ingressa na Escola Profissional de Música de Espinho. Prossegue os estudos superiores na Musik-Akademie Basel, nas classes de Emanuel Abbuhl e Omar Zoboli. Após concluir a sua licenciatura com excelência em 2020, continua a formação na Haute École de Musique de Lausanne, desta vez sob a tutela de Jean-Louis Capezzali. Integrou o Estágio Gulbenkian para Orquestra, a Neue Philharmonie München e a Schweizer Jugendsinfonieorchester. Participou também em diversos Festivais de

Música, como o Aurora Festival, Vienna Summer Music Festival, Festival Música em Trancoso e no Festival e Academia Verão Clássico. Colaborou com a Orquestra Filarmónica Portuguesa, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Orquestra XXI, ORSO Philharmonic, Sinfonieorchester St. Gallen e Theater Orchester Biel Solothurn. Em 2021, ganhou o lugar de academista na Sinfonieorchester St. Gallen e em 2022, apresenta-se em duo com o pianista Pedro Mendes, no Festival “Les Concerts de Camille” (Neuchatel). Foi bolsista da Fritz-Gerber-Stiftung e da Stiftung Melinda-Esterházy de Galantha.



JOÃO PAIVA

Nascido em Miranda do Corvo, iniciou os seus estudos no Conservatório de Música de Coimbra. Prosseguiu a sua formação na Escola Profissional de Música de Espinho e graduou-se na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, na classe do professor António Saiote. Em 2020, obteve o Mestrado na Escola Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, na classe do professor Pascal Moraguès, com classificação máxima. Foi laureado com o 1º prémio no International Clarinet Association – 2016 Young Artist Competition (Kansas), Alta Distinção no 2º Vienna International Music Competition Musikverein. Obteve também o 1º

prémio ex-aequo no IV Concurso Premium Paços em 2010, o 3º prémio *ex-aequo* no IV Concurso Nacional Terras de La-Salette, o 2º prémio no I Concurso Internacional Terras de La-Salette e o 1º prémio no Festival e Academia Verão Clássico em 2018 e 2021. Tocou como solista com a Orquestra Clássica de Espinho, dirigida por Pedro Neves, e com a Orquestra do Norte, dirigida por Pedro Andrade. Actualmente, reside em Madrid e, este ano, colaborou com a Orquestra y Coro de la Comunidad de Madrid, com a Orquestra Sinfónica de Madrid e com a orquestra Cappella Andrea Barca, sob a direcção de Sir Andrés Schiff.





foto: Frederico Martins

LUÍS DUARTE MOREIRA

Iniciou os seus estudos de trompa na Escola Profissional Artística do Vale do Ave. Graduou-se com a máxima distinção na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, nas classes dos professores Abel Pereira, Bohdan Sebestik e Nuno Vaz. Posteriormente, estudou na Hochschule für Musik “Hanns Eisler”, em Berlim, na classe da professora Marie-Luise Neunecker, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, terminando o mestrado em performance com classificação máxima. Venceu o 1º prémio no Concurso Internacional de Instrumentos de Sopro “Terras de La-Salette”, no Prémio Jovens Músicos 2017 e no Concurso Internacional de Sopros do Alto Minho. Em 2016, recebe o 2º

prémio no Concurso Internacional de Markneukirchen e conquista uma Menção Honrosa no Concurso Prague Spring, na República Checa. Foi membro fundador do Quinteto de Sopros Klaue, que venceu o 2º prémio na edição de 2015 do Prémio Jovens Músicos. Como solista, apresentou-se com a Orquestra ARTAVE, com a Philharmonisches Orchester Plauen-Zwickau, Orquestra Gulbenkian e com a Banda Sinfónica Portuguesa e tem vindo, ao longo da sua carreira, a colaborar como músico de orquestra em diversos projectos e orquestras nacionais e internacionais. Actualmente, é membro da Orquestra Gulbenkian como chefe de naipe de trompa.

RUI LOPES

Com dupla nacionalidade portuguesa e suíça, Rui Lopes estudou no Porto, Basileia e Munique, nas classes dos professores Hugues Kesteman, Sergio Azzolini e Marco Postingher. Foi laureado em vários concursos, entre os quais com o 1º Prémio no Concurso de Interpretação do Estoril 2008. Participou em diversos festivais, como os de Schleswig-Holstein, Martinu, Davos, Lucerna, SoNoRo, Oficina de Música de Curitiba e Stellenbosch. Apresentou-se como solista com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra da Ópera Nacional Finlandesa, a Orquestra Sinfónica de Zurique, a Orquestra Sinfónica de Basileia, a Orquestra de Câmara Checa e a Orquestra de Câmara Kremlin, entre outras. Tocou como 1º Fagote na Orquestra de Paris, na Camerata de Berna, na Orquestra de Câmara de Zurique, na Orquestra de Câmara de Basileia, entre outras, trabalhando

com músicos como Maurizio Pollini, Christoph Eschenbach, Bernard Haitink, Esa-Pekka Salonen e Pierre Boulez. Foi 1º Fagote Solo da Ópera Nacional Finlandesa, Fagote Solista do Ensemble Nacional Espanhol de Música Contemporânea em Madrid e, posteriormente, professor de Fagote e Música de Câmara na Universidade de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra e no Conservatório do Luxemburgo. É membro dos grupos Camerata Variabile Basel, Mythen Ensemble, Portuguese Chamber Soloists. Colaborou com compositores como Sir Harrison Birtwistle, Dieter Ammann, Wynton Marsalis e Marcelo Nisinman e já estreou várias obras a si dedicadas. O seu último CD a solo, “Through Time”, onde toca como solista com a Orquestra de Câmara Inglesa, foi amplamente elogiado pela crítica.



foto: Bruno Simão



foto: Bruno Simão

100 CAMINHOS

100 Caminhos surge de uma partilha de experiências reunidas no espaço e no tempo, reflectindo vivências da Europa Central e de Leste e referências conceptuais fortemente marcadas pelo legado norte-americano da música para metais. Numa mescla de gerações com perspectivas e objectivos arrojados perante os actuais desafios colocados à composição musical de sustentação erudita, este projecto ambicioso fundamenta o seu conceito no indiscutível potencial ecléctico da música de câmara para quinteto de metais, promovendo cruzamentos transdisciplinares em articulação com todas as outras áreas artísticas. Não obstante o foco e objectivos bem delineados, este *ensemble* não renega, naturalmente, o extenso espólio que

nos tem apresentado com obras de grandes compositores, de Witold Lutoslawski a Leonard Bernstein. A versatilidade, tão característica desta formação e profusamente sustentada por uma longa lista de convincentes arranjos e adaptações, é também um recurso assumido na partilha de estilos musicais que continuam a motivar e inspirar intérpretes e plateias, simultaneamente estimulando compositores e artistas associados a este projecto. Assim iniciamos uma viagem com muitas alternativas, com a ambição de proporcionar trilhos enriquecedores para o legado da música de câmara e dos compositores e artistas que connosco embarcam nesta aventura.

JOÃO MOREIRA

João Moreira é trompetista da Orquestra Metropolitana de Lisboa desde 2019.

Entre 2012 e 2017, foi Trompete Solo com a MusicAeterna em Perm (Rússia) sob a direcção do Maestro Teodor Currentzis, com a qual tocou nas maiores salas de espectáculo por todo o Mundo. Em 2017, regressou a Portugal, ganhando a posição de Trompete Solo na Orquestra Clássica do Sul. João Moreira ganhou diversos concursos no seu país e nos Estados Unidos da América (ITG - International Trumpet Guild) e tem-se apresentado

como solista com várias orquestras, tais como MusicAeterna Orchestra (Perm, Rússia), Symphony Academic Orchestra of Rostov (Rostov-on-Don, Rússia), Orquestra Clássica do Sul, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra Académica Metropolitana, Krasnoyarsk Chamber Orchestra (Rússia) e Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Obteve um Mestrado em *Performance da Hochschule fur Musik und Theater* em Hamburgo (Alemanha), onde estudou com o conceituado professor Matthias Hoefs.



foto: Bruno Simão

CAROLINA ALVES

A trompetista Carolina Alves colabora com a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras desde 2017.

Tocou e gravou com diversos grupos e orquestras, tais como Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Clássica do Sul, Al Bustan Festival Orchestra, Orquestra d'Artes de Almada e OpuSpiritum Ensemble. Durante a sua experiência académica, foi seleccionada para integrar a Orchestre des Jeunes de La Méditerranée, Young Franco-German-Hungarian Philharmonics, Orquestra de Câmara Portuguesa Zero e European Union Youth Orchestra, sob a direcção de maestros como Sir Simon Rattle,

Vasily Petrenko, Bernard Haitink, Hannu Lintu e David Alan Miller, em grandes salas como Het Concertgebouw (Amsterdão), Konzerthaus em Berlim (Alemanha), Radio Hall em Bratislava e Filarmonia de Varsóvia.

Apresenta-se regularmente como solista, tendo tocado com a Orquestra de Sopros da Escola Superior de Música de Lisboa, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Ensemble de Metais de Leiria e OpuSpiritum Ensemble. Obteve um Mestrado em ensino da Escola Superior de Música de Lisboa e um Mestrado em Performance da Hochschule fur Musik und Theatre em Leipzig (Alemanha), onde estudou com o conceituado professor Guido Segers.



foto: Bruno Simão

LUÍS VIEIRA

Luís Vieira é trompa solista com a Orquestra Sinfónica Portuguesa desde 2015.

Foi chamado a integrar orquestras como a Berliner Philharmoniker, Orchestre de la Suisse Romande, Orchestra della Svizzera Italiana, Orquestra Nacional de España, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Divino Sospito Ensemble Barroco, sob a batuta de Maestros como Sir Simon Rattle, Semyon Bychkov, Valery Gergiev, Herbert Blomstedt, Christian Thielemann, Gustavo Dudamel, Riccardo Chailly e Andris Nelsons, com os quais teve oportunidade de tocar em algumas das melhores salas de espectáculo europeias, tais como Berlin Philharmonie, Philharmonie de Paris, Concertgebouw Amsterdam, Royal Albert Hall London, Tonhalle Zurich, entre outras. Durante a sua experiência académica, integrou orquestras como The World

Orchestra, Lucerne Festival Academy, Schleswig-Holstein Youth Orchestra e Orquestra Joven Sinfónica de Galicia. Obteve a sua Licenciatura na Escola Superior das Artes Aplicadas de Castelo Branco, com o Professor Paulo Guerreiro em 2009, continuando os seus estudos com Abel Pereira, Eric Terwilliger e Sarah Willis. Entre 2011 e 2013, estudou na Escuela Superior de Música Reina Sofía, com Radovan Vlatkovic recebendo, das mãos da Rainha Sofia de Espanha, o prémio para o melhor aluno da cátedra de Trompa.

Obteve o seu Mestrado na Zurcher Hochschule der Kunste, com o conceituado professor Radovan Vlatkovic, em 2015. Em 2011, ganhou o Prémio Jovens Músicos e, em 2013, foi finalista na Città di Porcia Music Competition. É professor de Trompa na Escola Superior de Música de Lisboa e na Escola Superior de Artes Aplicadas, em Castelo Branco.





foto: Bruno Simão

HUGO ASSUNÇÃO

Hugo Assunção é professor de Música de Câmara na Escola Superior de Música de Lisboa desde 2012 e tem leccionado Masterclasses de Trombone e Música de Câmara um pouco por todo o país e no estrangeiro.

Tocou e gravou com diversos grupos e orquestras, tais como Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra da Madeira, Orquestra do Algarve, Orquestra Sinfonietta de Lisboa, Orquestra Sinfonia Varsóvia, Orquestra do Hot Clube de Portugal, Orquestra de Jazz de Matosinhos e Daniel Bernardes' Crossfade Ensemble.

Partilha a Direcção Artística do Festival "Gravíssimo!" com o Artista Yamaha Sérgio Carolino e tem colaborado, tocado e gravado com artistas como James Thompson, David Taylor, Marshall Gilkes, Gyorgy Gyivicsan, David Bruchez, Gabriel Antão, Ricardo

Pereira, João Martinho, Ruben Tomé, Francisco Couto, Jacques Mauger, Bart van Lier, Justin Clark, Robin Eubanks, Luis Bonilla, Eijiro Nakagawa, Christian Jones, Demondrae Thurman, Matthew Murchison, Thomas Ruedi, Anthony Caillet, Hélène Escrive, Tormod Flaten, Fernando Deddos, Luka Einfalt, Gene Pokorny, Bob Stewart, Floyd Cooley, Henrique Costa, Anne-Jelle Visser, Oren Marshall, Ricardo Carvalhoso, François Thuillier, Mike Forbes, Roland Szentpáli, Daniel Perantoni, Nimrod Ron e Shimpei Tsugita.

Em 2006, gravou "Vox Gabrieli", com música para trombone e piano, e "A Different Era", como Director Musical do Ensemble Português de Trombones. Encomendou, estreou e gravou obras de Anne Victorino d'Almeida, Telmo Marques, Daniel Bernardes e António Victorino D'Almeida.

Ganhou o lugar de Primeiro Trombone da Orquestra Sinfónica Portuguesa em 1993.



foto: Bruno Simão

JOAQUIM ROCHA

Joaquim Rocha é Trombone Baixo da Orquestra Sinfónica Portuguesa desde 2017.

Tem sido convidado a integrar vários grupos e orquestras de onde se incluem a Sinfónica da Galiza, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Gulbenkian e Orquestra de Guimarães.

É licenciado pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (Porto) onde estudou com o professor Severo Martinez, obtendo a mais alta classificação em 2017. Foi vencedor de vários prémios, destacando-se o 2016 First Prize Winner George Roberts Category para o International

Trombone Festival Competition, que teve lugar na prestigiada Juilliard School em Nova Iorque, o Primeiro Prémio no Primeiro Concurso Internacional de Trombone (Castelo de Paiva) e, em 2019, o Primeiro Prémio no Prémio Jovens Músicos, que lhe permitiu apresentar-se a solo com a Orquestra Gulbenkian.

Participou em inúmeras masterclasses com artistas conceituados como Stefan Schulz, Ian Bousfield, Andreas Klein, David Bruchez, Jamie Williams, Jon Etterbeek, Petur Eiriksson, Filipe Alves, Gabriel Antão, Bill Thomas e Nathan Zgonc.



foto: Márcia Lessa



JOÃO BARRADAS

João Barradas é um dos mais conceituados e reconhecidos acordeonistas europeus, movendo-se, simultaneamente, entre a música clássica, o jazz e a música improvisada. Venceu alguns dos mais prestigiados concursos internacionais para o seu instrumento na área da música erudita, dos quais se destacam, entre outros, o Troféu Mundial de Acordeão, o Coupe Mondiale de Acordeão, o Concurso Internacional de Castelfidardo e o Okud Istra International Competition. Barradas tem-se apresentado, enquanto solista, em grandes salas como Het Concertgebouw Amsterdam, Wiener Konzerthaus, Elbphilharmonie Hamburg, Kölner Philharmonie, Philharmonie Luxembourg, Philharmonie de Paris, Konzerthaus Dortmund, L'Auditori Barcelona, Mupa Budapest, entre outras. Enquanto intérprete, teve a seu cargo dezenas de estreias mundiais

para acordeão solo escritas para ele por alguns dos mais destacados compositores europeus. Em 2016 grava, com a editora nova iorquina Inner Circle Music, o seu primeiro álbum enquanto líder, “Directions”, que conta com a produção de Greg Osby e foi considerado um dos melhores álbuns do ano pela revista Downbeat, aparecendo na sua prestigiada lista “Best Albums of The Year”. Barradas tem colaborado com diversos músicos de renome, nomeadamente com Greg Osby, Mark Turner, Peter Evans, Aka Moon, Mike Stern, Rufus Reid, Gil Goldstein, Jonathan Kreisberg, Fabrizio Cassol, Jacob Sacks, Miles Okazaki, entre muitos outros. Foi nomeado *ECHO Rising Star* pela European Concert Hall Organization para a temporada 2019/2020. Nessa mesma temporada, a prestigiada BBC Music Magazine nomeou João Barradas como um dos seus *Rising Stars*.

ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA

Nascido em Lisboa em 1940, António Victorino d'Almeida iniciou os seus estudos musicais com Marina Dewander Gabriel, tendo mais tarde estudado piano com Fernando Leitão, composição com Artur Santos e Joly Braga Santos e História da Música com Maria Augusta Barbosa. Terminou o Curso Superior de Piano no Conservatório Nacional com média final de 19 valores, como aluno de Campos Coelho, o que lhe permitiu obter uma bolsa do Instituto da Alta Cultura para prosseguir estudos em Viena de Áustria, onde aperfeiçoou a sua técnica de concertista com Wladislav Kedra e Dieter Weber. Dedicou-se ao estudo da composição com Karl Schiske, tendo obtido o diploma final do Curso de Composição com a máxima classificação por distinção e unanimidade, o que lhe garantiu o prémio do Ministério da Cultura da Áustria por ter sido o melhor aluno finalista de cada ano. Mais tarde, obteve uma bolsa da

Fundação Calouste Gulbenkian para estudar música contemporânea com o compositor Friedrich Cerha, música electrónica com Dieter Kaufman e direcção de orquestra com o Prof. Koslik. Entre 1974 e 1981 foi adido cultural em Viena. Foi também membro de júri no Concurso Vianna da Motta (Lisboa) e no Concurso Tchaikovsky (Moscou). Como intérprete, participou em inúmeros concertos, tanto a nível nacional como internacional, tendo sempre sido uma presença constante nos media portugueses como apresentador de programas culturais. Além de concertista, Victorino d'Almeida é um prolífico criador, sendo, sem dúvida, um dos compositores portugueses que mais obra produziu, abrangendo os mais variados géneros musicais, como a música a solo, para piano e outros instrumentos, música de câmara, sinfónica e coral, incluindo ópera, fado e muita música para cinema e teatro.



ANA MARIA PINTO

Soprano, professora, compositora e produtora, Ana Maria Pinto nasceu no Porto e formou-se na ESMAE e na Universidade das Artes de Berlim. Foi bolsista da Fundação Walter-Kaminsky e da Fundação Calouste Gulbenkian. Desenvolve, desde 2015, projectos com base na Educação pela Arte que visam a Conexão do ser humano com a Natureza. No final de 2016, criou e fundou a Novaterra, Associação Cultural Arte e Ambiente. Em 2020, criou o Estúdio Jardim, onde a produção musical se funde com as residências artísticas no meio da natureza. Em 2021, criou a sua Escola Voz da Terra.

Como cantora lírica, desenvolveu um repertório bastante alargado, dando especial ênfase à Oratória e ao Lied. Em ópera destacam-se os papéis de Susanna (*Le Nozze di Figaro*), Elle (*La Voix Humaine*), Blanche de La Force (*Dialogues des Carmélites*), Musetta (*La Bohème*), e Kumudha (*A Flowering Tree de John Adams*). Apresentou-se em salas como o Victoria

Hall em Genebra, o Teatro Nacional de Kosice (Hungria), a Catedral de Berlim ou a Chapelle de la Trinité de Lyon, na Konzerthaus em Izmir, Turquia, assim como na Konzerthaus em Rzeszów na Polónia.

Interpretou o papel de Cecilia no filme *Casanova Variations*, onde contracenou com John Malkovich e cantou com o tenor Jonas Kaufmann.

Gravou canções de Fernando Lopes Graça e Vianna da Motta com o pianista Nuno Vieira de Almeida e lançou em Janeiro de 2017 o álbum *Anterianas*, com música de Luís de Freitas Branco e Franz Schubert.

Em Novembro do mesmo ano, lançou o seu primeiro álbum de canções originais *Seven Songs for a New Earth*. No sentido de promover o intercâmbio entre artistas clássicos e da cultura musical africana, realizou vários concertos com músicos africanos em Portugal, na Namíbia e na Guiné Bissau.

Dirige, compõe e produz espectáculos para os quatro coros que fundou no seio da Novaterra.



MARINA PACHECO

Marina Pacheco estudou com Pedro Teles e José de Oliveira Lopes, completando o Mestrado em Performance Musical com Sofia Serra e António Salgado – com o apoio do Santander. Vencedora da 26ª edição do Prémio Jovens Músicos e galardoada em vários concursos na Europa, apresenta-se regularmente em ópera, oratória, Lied e música contemporânea, em diversos palcos da Europa, África e América do Sul. Os seus três discos *João Arroyo: obra para canto e piano*, *Canções de Lemúria* e *Cantiga* partindo-se são exemplo do seu compromisso na divulgação da música portuguesa.

Em 2021, lançou o disco “Schmetterlinge”, num conceito musical aliado à sensibilização para as questões ambientais, financiado pela Neustart Kultur, de quem foi bolsista dois anos consecutivos. Integra os projectos *À la joie, Ri-te como Jacques*, *Gallaecia* e *Amapola*. Integrou as produções de *Bastien*

und Bastienne (Bastienne), *Così fan tutte* (Fiordiligi) e *Le Nozze di Figaro* (Susanna) de Mozart, *Amor de Perdição* (Teresa) de Arroyo, *Julie* (Kristin) de Boesmans, *Candide* (Cunegonde) de Bernstein, *Paride ed Elena* (Paride) de Gluck, *L’Enfant et les Sortilèges* (Princesa) de Ravel, *A Laugh to Cry* (Soprano) de Azguime, *Il Barbiere di Siviglia* (Rosina) de Rossini e *TMIE* de C. A. Augusto (Selene, Mertseger, Empédocles), *Hummus* de Z. Moulataka (Sarah), entre outras.

Cantou a solo com a Jenaer Philharmonie, o João Roiz Ensemble, a Mitteldeutsche Kammerphilharmonie, a Norrbotten NEO, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra Clássica do Centro, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra da Universidade do Minho, o Sond’Art-te Electric Ensemble e a Orquestra da Ópera Estatal de Stara Zagora.



foto: Krystallenia

JOANA MOREIRA

Joana Moreira nasceu no Porto e graduou-se na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, na classe do Professor Filipe Pinto-Ribeiro, onde concluiu os Mestrados em Performance Musical e em Ensino da Música. Prosseguiu os estudos na Pós-Graduação em música de câmara no Conservatório Real de Antuérpia. Participou em masterclasses de piano leccionadas pelos professores Yuri Serov, Filipe Pinto-Ribeiro, Eldar Nebolsin, Jan Michiels, Claudio Martinez Mehner, Rosa Maria Barrantes e Pavel Nersessian. Apresentou-se como solista com a Orquestra ARTAVE e a Orquestra do Norte, sob a direcção dos maestros Luís Machado e Franz Albanese.

Colaborou em “A Música de Junqueiro” (livro e CD duplo), realizado no âmbito do projecto “Revisitar/descobrir Guerra Junqueiro”.

É co-fundadora do projecto beOMNI com o baixo-barítono Miguel Maduro-Dias.

Tem-se dedicado ao repertório de música de câmara, com a realização de concertos em parceria com a violinista Ana Catarina Lopes Pinto, o trompetista Ruben Castro, a soprano Ana Maria Pinto e o maestro António Victorino d’Almeida, entre outros.

Foi pianista acompanhadora no Conservatório Superior de Gaia e, actualmente, lecciona piano na Fundação Conservatório Regional de Gaia.

OLGA AMARO

Diplomada pela Universidade de Stellenbosch (África do Sul), Olga Amaro integrou durante anos a classe da pianista Nina Schumann com quem concluiu em 2008 o grau de Mestre em Piano Performance cum laude.

Ao longo do seu percurso musical foi aluna de Eugénia Moura (Academia de Música Fernandes Fão) e Constantin Sandu (Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Porto), formando-se paralelamente com músicos como Helena Sá e Costa, Sequeira Costa, Vladimir Viardo, Konstantin Sherbakov, Alexei Lubimov, entre outros.

Laureada com o 1º Prémio do Concurso Nacional Florinda Santos (1996, S. João da Madeira) e o 1º Prémio na Categoria de Ensemble do ATKV-Muziq Competition (2005, África do Sul),

Olga Amaro foi também bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (1997 a 2003) e recebeu o Prémio Lions Club e a Bolsa de Mérito do Instituto Politécnico do Porto (2002). Em 2011 foi laureada com o Prémio de Melhor Pianista no 5º Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa. Apresenta-se regularmente como solista e músico de câmara, tendo já realizado concertos em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Roménia, África do Sul, Moçambique e Colómbia. Da sua discografia fazem parte dois CD: “Canções de Lemúria” com a soprano Marina Pacheco (2013) e “Canção” com a soprano Lara Martins (2021). Actualmente, exerce funções de pianista acompanhadora no Conservatório de Música do Porto e na ESMAE.



STEPHEN KOVACEVICH

O norte-americano Stephen Kovacevich é um dos ‘grands seigneurs’ do piano do nosso tempo, com uma notável carreira ao longo de sete décadas.

Foi em 1961 que, o então Stephen Bishop (o apelido ‘Kovacevich’ só se impôs no início da década de 80), que aterrara em Londres em 1959 para estudar com Dame Myra Hess, fez a sua estreia europeia no Wigmore Hall (Londres), com obras de Bach, Beethoven e Berg.

O jovem californiano de 20-21 anos entrava na elite dos pianistas do seu tempo, empreendendo uma carreira ao mais alto nível e aí se mantendo por décadas. O seu repertório teria por centro de gravidade a tradição germânica, de Bach a Berg, com especial relevo às figuras de Beethoven, Schubert e Brahms. Também frequentou Chopin; e, nos modernistas (além de Berg), Bartók e Stravinsky; e contemporâneos, como Richard

Rodney Bennett ou Michael Tippett. Kovacevich foi também, durante décadas, um artista da *Philips* e para essa etiqueta gravou uma vasta discografia, com várias leituras que se tornaram referências (Mozart, Beethoven, Schubert, Brahms, Bartók). Nos anos 90, passou a gravar para a EMI e, mais recentemente, para a Onyx.

Em 2015, por ocasião do seu 75º aniversário, a Decca fez uma edição limitada, numa caixa com 25 CD, do seu espólio de gravações para a *Philips*.

Em música de câmara tocou com Jacqueline Dupré, Martha Argerich (foram casados nos anos 70) – com quem ainda toca –, Josef Suk, Lynn Harrell, Truls Mørk, Emmanuel Pahud ou os irmãos Capuçon, entre outros. Aos 82 anos, Stephen Kovacevich mantém uma impressionante carreira internacional activa como recitalista e solista com orquestra.

ORQUESTRA DE CÂMARA FRANZ LISZT

Fundada em 1963, a Orquestra de Câmara “Franz Liszt” de Budapeste mantém-se há várias décadas na elite musical, sendo reconhecida como um agrupamento de referência do panorama internacional. Liderada desde 2016 pelo concertino Péter Tfirst e com actual direcção artística do mundialmente famoso violoncelista István Várdai, a orquestra terá, em 2023, um ano muito especial de aniversário, que a levará a grandes palcos e festivais internacionais, entre os quais o Festival de Música dos Capuchos 2023. Durante os seus 60 anos de existência – sob a liderança primeiro de Frigyes Sándor e, posteriormente, de János Rolla – a Orquestra de Câmara “Franz Liszt” apresentou-se em mais de cinquenta países, em salas como o Carnegie Hall em Nova Iorque, o Suntory Hall em Tóquio, a Sydney Opera House, o Teatro Colón em Buenos Aires e o Théâtre de la Ville de Paris. Ao longo da sua história, a Orquestra

de Câmara “Franz Liszt” colaborou com alguns dos mais notáveis solistas como Sviatoslav Richter, Mstislav Rostropovich, Isaac Stern, Yehudi Menuhin, Jean-Pierre Rampal, Martha Argerich, Julia Fischer, Vadim Repin, András Schiff, Emmanuel Pahud, Vadim Gluzman, Denis Matsuev, Mischa Maisky e Maxim Vengerov, entre outros.

O seu repertório abrange quase toda a história da música, de Monteverdi aos compositores do século XX.

A orquestra já gravou mais de 200 álbuns para diversas editoras de renome internacional. A mais recente produção em CD da orquestra, com o contrabaixista Ödön Rácz, foi lançada pela Deutsche Grammophon e teve excelente repercussão na imprensa internacional.

A Orquestra de Câmara “Franz Liszt” orgulha-se de ser a orquestra nacional da Hungria e de representar e promover a cultura húngara pelo mundo.



foto: Kaupo Kikkas

Schostakovich ENSEMBLE

D ♦ S ♦ C ♦ H



JACK LIEBECK

Um dos mais requisitados violinistas da actualidade, Jack Liebeck apresentou-se como solista com todas as grandes orquestras britânicas, com maestros como Andrew Litton, Leonard Slatkin, Karl-Heinz Steffens, Sir Mark Elder e, ainda, com a Royal Stockholm Philharmonic (Sakari Oramo), a Orquestra da Rádio Sueca (Daniel Harding), a Filarmónica de Oslo (Jukka Pekka Saraste), a Orquestra Nacional da Bélgica, a Sinfónica da Rádio da Polónia, Sinfónica de Queensland, Sinfónica Estatal de Moscovo, Sinfónica de St Louis (David Robertson), Sinfónica de Indianápolis (Douglas Boyd), Sinfónica de Melbourne (Jakub Hrůša), entre outras. Lançou o seu álbum de estreia em 2002, com Katya Apekisheva, para a editora Quartz, nomeado para o Classical Brit Award. As duas gravações que se seguiram foram para a Sony Classics: com Dvořák, Jack ganhou

o 2010 *Classical Brit Award – Young Artist of the Year*, as suas sonatas para violino e piano de Brahms, receberam igualmente os maiores elogios da crítica especializada.

Em 2014, começou sua relação com a Hyperion Records com a gravação das obras para violino e piano de Fritz Kreisler. A sua série de CDs com as obras concertantes de Max Bruch, com a BBC Scottish Symphony Orchestra e Martyn Brabbins, recebeu grandes elogios da crítica.

O fascínio de Jack pela ciência levou-o à estreia mundial do Concerto para violino e orquestra *Voyager* de Dario Marianelli e a várias colaborações com o Professor Brian Cox. Liebeck programa o seu próprio festival anual Oxford May Music em torno dos temas da música, da ciência e das artes, e é, desde 2022, director artístico do Australian Festival of Chamber Music (AFCM).

DSCH - SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

DSCH - Schostakovich Ensemble é considerado um dos agrupamentos musicais de topo do actual panorama internacional. Sediado em Lisboa desde a sua fundação pelo pianista e director artístico Filipe Pinto-Ribeiro, o DSCH é um *ensemble* de geometria variável e uma plataforma de encontro e interacção de músicos de excelência. Iniciou a sua actividade em 2006, ano do centenário do nascimento do compositor Dmitri Schostakovich, a quem deve o nome, e desde então apresentou-se em várias temporadas e festivais, na Europa e nos EUA. O vasto repertório do DSCH integra obras de compositores de diversas épocas e estilos musicais, de Beethoven a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, incluindo contemporâneos, como Sofia Gubaidulina. Tem contado com a participação de músicos extraordinários, como Pascal Moraguès, Esther Hoppe, Christian Poltéra, Gérard Caussé,

Adrian Brendel, Lars Anders Tomter, Corey Cerovsek, Tedi Papavrami, Gary Hoffman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Liza Ferschtman, entre muitos outros. Desde 2006, alguns dos concertos do Schostakovich Ensemble foram gravados e transmitidos pela RTP Antena 2 e pelo canal de televisão francês Mezzo. Em 2018, instituiu o Prémio de Composição DSCH - Schostakovich Ensemble, que tem por objectivo reconhecer, incentivar e divulgar a criação musical erudita contemporânea portuguesa e destina-se a galardoar a obra e o trajecto de mérito de um compositor português de referência. Luís Tinoco e Eurico Carrapatoso foram distinguidos, respectivamente, em 2019 e 2021. A discografia do DSCH inclui a 1ª gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Beethoven (Paraty/Harmonia Mundi), álbuns que receberam algumas das mais importantes distinções da imprensa especializada internacional.



PASCAL MORAGUÈS

Primero Clarinete Solo da Orquestra de Paris desde 1981, Pascal Moraguès é considerado um dos mais relevantes clarinetistas das últimas décadas.

É professor de Clarinete no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, na Escola Superior de Música de Lausanne e na Escola Superior de Música Reina Sofia de Madrid.

Ao longo da sua carreira como solista, colaborou com maestros de renome, incluindo Daniel Barenboim, Pierre Boulez, Semyon Bychkov, Carlo-Maria Giulini, Zubin Mehta, Emmanuel Krivine, Franz Brüggen, Louis Langrée e Stephan Sanderling.

É membro do Quinteto Moraguès, do Mullova Ensemble, do Katia and Marielle Labèque Ensemble, e é regularmente convidado como clarinete solista pela Orquestra de Câmara da Europa.

No âmbito da música de câmara, tocou com Sviatoslav Richter, Christian Zacharias, Daniel Barenboim, Elena

Bashkirova, Christoph Eschenbach, Pascal Rogé, Christian Ivaldi, Schlomo Mintz, Joshua Bell, Yuri Bashmet, Gary Hoffman, Nathalia Gutmann e Felicity Lott; com o Trio Guarneri, com os quartetos de cordas Borodine, Sine Nomine, Carmina, Amati, Prazák, Lindsay, Endellion, Jerusalem, Ysaÿe, Parisii e com o DSCH – Schostakovich Ensemble.

A sua gravação do quinteto de Brahms, com o quarteto de cordas Talich, é hoje reconhecida como uma referência.

Actua regularmente nas mais prestigiadas salas de concerto internacionais, como o Wigmore Hall de Londres, Musikverein de Viena, Konzerthaus de Berlim, Carnegie Hall de Nova Iorque, Lincoln Center de Washington, Théâtre des Champs Elysées e Théâtre du Châtelet, em Paris. Realizou muitas gravações com grandes músicos, como Sviatoslav Richter e Viktoria Mullova, e com o Quinteto Moraguès, tendo recebido vários prémios internacionais.



ESTHER HOPPE

A violinista suíça Esther Hoppe detém uma excelente reputação internacional como solista e pedagoga.

Depois de estudar em Basileia, Filadélfia (no Curtis Institute of Music), Londres e Zurique, Esther ganhou o 1º Prémio na oitava edição do Concurso Internacional de Mozart, em Salzburgo. Pouco depois, fundou o Tecchler Trio que venceu vários prémios em importantes concursos, como o ARD de Munique, em 2007.

Tem uma intensa actividade concertística, tendo tocado como solista com Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks, Münchener Kammerorchester, Orchestre Les Siècles Paris, Kammerorchester Basel,

Zurcher Kammerorchester, entre outras, e os seus parceiros de música de câmara incluem Clemens und Veronika Hagen, Nicolas Altstaedt, Vilde Frang, Heinz Holliger, Elisabeth Leonskaja, Alexander Lonquich, Christian Poltéra e Ronald Brautigam.

Esther Hoppe é convidada regular dos mais prestigiados festivais, como Lockenhaus, Ernen, Luzern, Gstaad, Delft, Prussia Cove e Styriarte. Gravou diversos CD aclamados pela crítica, para as editoras Virgin Classics, Neos, Concertus Records e Ars Musici. Desde 2013, Esther Hoppe é professora de Violino na Universidade Mozarteum, em Salzburgo, e toca com o violino Stradivarius “De Ahna”, de 1722.



foto: Nikolaj Lund

CHRISTIAN POLTÉRA

Nasceu em Zurique. Aluno de Nancy Chumachenco e Boris Pergamenschikow, estudou depois com Heinrich Schiff em Salzburgo e Viena.

Como solista, toca com as grandes orquestras mundiais, como a Orquestra Filarmónica de Munique, Orquestra Gewandhaus de Leipzig, Filarmónica de Los Angeles, Orquestra Filarmónica de Oslo, Orquestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia de Roma, Orquestra de Paris, Orquestra Sinfónica da BBC, Orquestra de Câmara da Europa, sob a direcção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi, Andris Nelsons e Sir John Eliot Gardiner.

Também se dedica intensamente à música de câmara, ao lado de músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Esther Hoppe e Ronald Brautigam, e com os Quartetos Auryn e Zehetmair.

Com Frank Peter Zimmermann e Antoine Tamestit, Christian Poltéra fundou e integra um trio de cordas, o Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiosas salas de concertos e festivais em toda a Europa.

Em 2004, recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi seleccionado como um dos Artistas da Nova Geração, um projecto da BBC Radio 3.

É convidado regular de festivais de renome (como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena) e estreou-se nos BBC Proms em 2007. A discografia de Christian Poltéra, aclamada pela imprensa internacional, reflecte o seu amplo e variado repertório, incluindo concertos de Dvořák, Dutilleux, Lutoslawski, Walton, Hindemith e Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert. Christian Poltéra é professor de Violoncelo na Universidade de Lucerna e toca com o famoso violoncelo Stradivarius "Mara", de 1711.



CONVERSAS PRELÚDIOS CAMINHADA MASTERCLASSES

■ CONVERSAS DOS CAPUCHOS ■

Há cem anos, tal como hoje, o mundo vivia em convulsão. A nível nacional, sucediam-se episódios de agitação política e movimentações grevistas. As ideologias radicais organizavam-se e ganhavam projecção. Nascia o jornal *O Comunista*, órgão oficial do recém-formado PCP. Publicava-se o primeiro número da revista fascista

Ideia Nova, impulsionada pela ascensão ao poder em Itália de Benito Mussolini.

É sob este pano de fundo que nascem em Portugal três poetas notáveis, que viriam a tornar-se protagonistas incontornáveis da cultura portuguesa do século XX: **Mário Cesariny de Vasconcelos**, **Natália Correia** e **Eugénio de Andrade**. Três grandes nomes que vamos homenagear nesta edição de 2023 do Festival de Música dos Capuchos. Damos assim continuidade, em três domingos consecutivos, às já emblemáticas **Conversas dos Capuchos**.

Interrogaremos o que há *Entre nós e as palavras* na sessão que juntará três conhecedores profundos da obra de Cesariny: o poeta e crítico de arte **Bernardo Pinto de Almeida**, o escultor e editor **Manuel Rosa** e o ensaísta e professor universitário **António Feijó**, actual Presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian.

Na segunda sessão, dedicada a **Natália Correia**, *A Voz da Mãria* será evocada por uma amiga próxima, sua madrinha de casamento e sua testamenteira, a arquitecta **Helena Roseta**, e pela escritora **Filipa Martins**, autora da recém-publicada biografia de Natália intitulada “O Dever de Deslumbrar”. A última das três Conversas tem como protagonista **Eugénio de Andrade** e as suas palavras – *Um cristal, um punhal, um incêndio, orvalho apenas* – e porá em diálogo a poeta e professora universitária **Golgonha Anghel** e o ensaísta **Arnaldo Saraiva**, que foi amigo pessoal de Eugénio.

Três tardes de domingo, três conversas literárias, três homenagens a figuras marcantes da literatura portuguesa, no ano em que se assinala o centenário destes três vultos:

Mário de Cesariny, Natália Correia e Eugénio de Andrade.

Carlos Vaz Marques

Curador e moderador das Conversas dos Capuchos

■ 28 MAIO 17h00 Domingo Conversa dos Capuchos 1 ■

Entre nós e as palavras

no centenário do nascimento de **Mário Cesariny de Vasconcelos**

Com **Bernardo Pinto de Almeida**, **Manuel Rosa**, **António Feijó** e **Carlos Vaz Marques**

■ 04 JUNHO 17h00 Domingo Conversa dos Capuchos 2 ■

A Voz da Mãria

no centenário do nascimento de **Natália Correia**

Com **Helena Roseta**, **Filipa Martins** e **Carlos Vaz Marques**

■ 11 JUNHO 17h00 Domingo Conversa dos Capuchos 3 ■

Um cristal, um punhal, um incêndio, orvalho apenas

no centenário do nascimento de **Eugénio de Andrade**

Com **Golgonha Anghel**, **Arnaldo Saraiva** e **Carlos Vaz Marques**



Prelúdios dos Capuchos

■ 27 MAIO 18h00 Sábado || Teatro Municipal Joaquim Benite

Prelúdio dos Capuchos 1

Sobre as 4 Estações, de Vivaldi ao século XXI

Conversa pré-concerto com **João Almeida** e **Filipe Pinto-Ribeiro**

■ 03 JUNHO 18h00 Sábado || Teatro Municipal Joaquim Benite

Prelúdio dos Capuchos 2

Sobre Astor Piazzolla e o seu poeta, Horacio Ferrer

Conversa pré-concerto com **João Almeida** e **Ana Karina Rossi**

■ 27 MAIO 18h00 Sábado || Teatro Municipal Joaquim Benite

Prelúdio dos Capuchos 3

Sobre Philip Glass e o Minimalismo

Conversa pré-concerto com **João Almeida** e **Nuno Galopim**

Caminhada dos Capuchos

03 JUNHO 10h00 Sábado || Convento dos Capuchos

Paisagem Protegida dos Capuchos: fauna, flora e geologia

Integrada na Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa da Caparica, a envolvente do Convento dos Capuchos apresenta valores naturais importantes, que importa conhecer e valorizar. Participe numa visita guiada com técnicos especializados e venha descobrir a fauna, flora e geologia existentes não só nos Jardins do Convento, mas também no Miradouro dos Capuchos, nas Terras da Costa e na arriba fóssil.

Visita dos Capuchos

17 JUNHO 16h30 Sábado || Convento dos Capuchos

Visita ao património histórico do Convento dos Capuchos pelo historiador **Rui Mendes**

Masterclasses dos Capuchos

23 JUNHO 10h00 5ª feira || Convento dos Capuchos

Violino: com **Esther Hoppe**, Professora na Universidade Mozarteum de Salzburgo

Violoncelo: com **Christian Poltéra**, Professor na Universidade de Lucerna

Clarinete: com **Pascal Moraguès**, Professor no Conservatório Superior de Paris





INFOS ÚTEIS

info@festivalcapuchos.com
+351 938 941 224

Convento dos Capuchos
R. Miradouro Capuchos
Caparica – Almada

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Professor Egas Moniz
Almada

Fórum Municipal Romeu Correia
Praça da Liberdade
Almada

Bilhetes, assinaturas e descontos
bol.pt e nos locais habituais

festivalcapuchos.com

CALENDÁRIO GERAL

- 25 Maio** 21h00 **O Tempo da Criação** – Ravel, Debussy, Milhaud
- 27 Maio** 18h00 *Prelúdio dos Capuchos 1*
21h00 Concerto de Abertura
As Quatro Estações de Vivaldi
- 28 Maio** 17h00 *Conversa dos Capuchos 1* – Mário de Cesariny de Vasconcelos
19h00 Recital de Canto e Piano – Summertime
- 03 Junho** 10h00 *Caminhada dos Capuchos*
18h00 *Prelúdio dos Capuchos 2*
21h00 **As Quatro Estações de Piazzolla**
- 04 Junho** 17h00 *Conversa dos Capuchos 2* – Natália Correia
19h00 **O Tempo dos Capuchos – Obras-primas da Renascença**
- 10 Junho** 21h00 Recital de Piano – As Estações de Tchaikovsky e Chopin
- 11 Junho** 17h00 *Conversa dos Capuchos 3* – Eugénio de Andrade
19h00 **Os Sopros do Tempo 1** – Juventus Ensemble & Rui Lopes
21h00 **Os Sopros do Tempo 2** – 100 Caminhos & João Barradas
23h00 **O Tempo do Jazz** – João Barradas
- 13 Junho** 21h00 **O Tempo de Homenagem 1**
Carta Branca a António Victorino d’Almeida
- 17 Junho** 16h30 *Visita dos Capuchos*
21h00 **O Tempo de Homenagem 2**
Recital de piano de Stephen Kovacevich
- 18 Junho** 16h00 *Prelúdio dos Capuchos 3*
18h00 Concerto de Encerramento
As Quatro Estações de Philip Glass
- 22 Junho** 21h00 **Poslúdio dos Capuchos**
O Quarteto para o Fim do Tempo
- 23 Junho** 10h00 *Masterclasses dos Capuchos*



COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA
UNDER THE HIGH PATRONAGE OF THE
PRESIDENT OF THE PORTUGUESE REPUBLIC



O Presidente da República

Apoio Institucional



Mecenas Principal



Parceiros



Parceiros Media



Organização



EQUIPA

Organização
DSCH – Associação Musical

Director Artístico
Filipe Pinto-Ribeiro

Director Administrativo
Paulo Veríssimo da Silva

Directores Assistentes
Rosa Maria Barrantes e Tiago Pinto-Ribeiro

Produção e Direcção de Cena
Daniela Oliveira

Assistentes de Produção e de Direcção de Cena
Alice do Carmo, Inês Barroso, João Mendes e João Nogueira

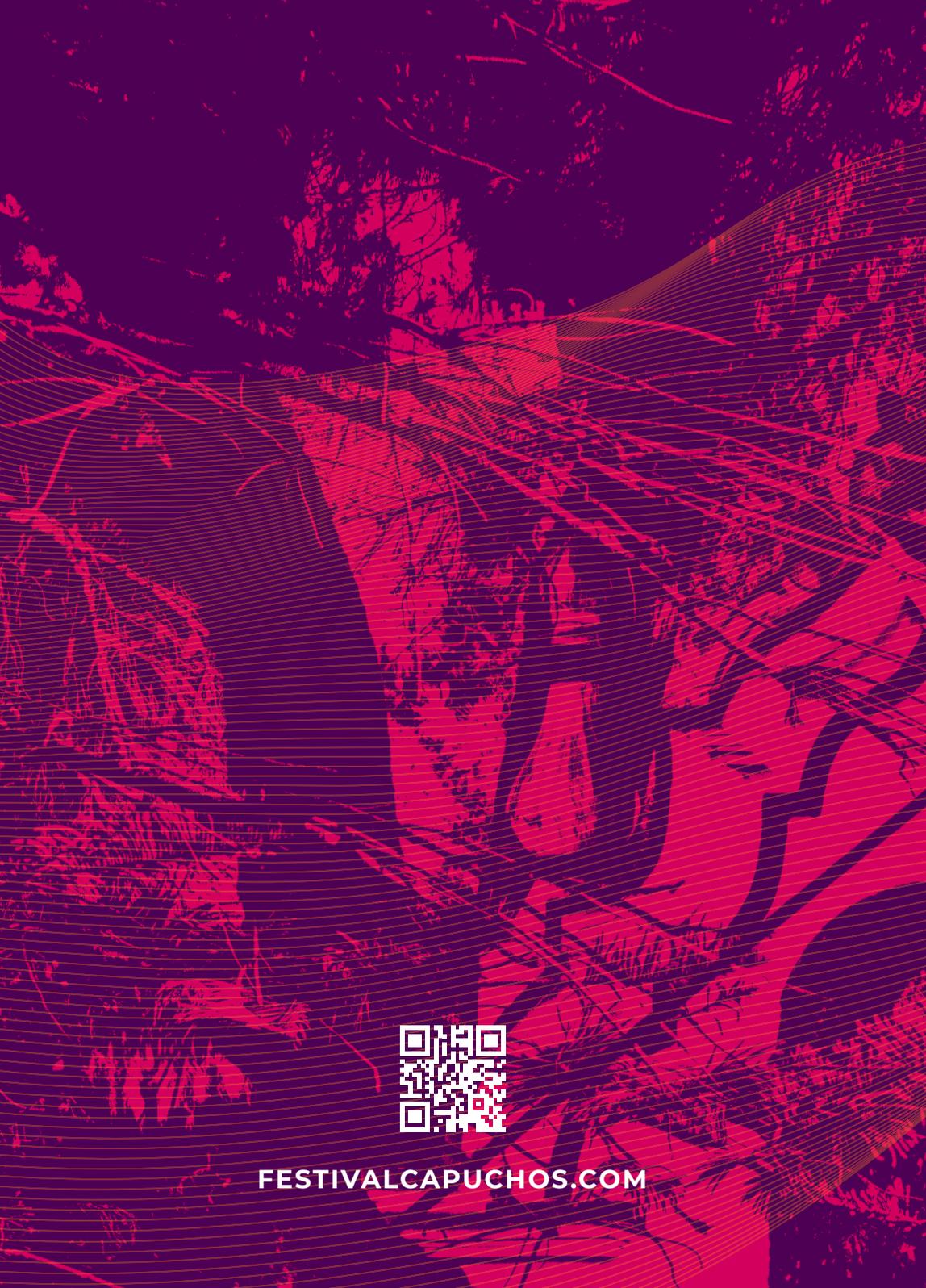
Imagem Gráfica do Festival
António Afonso e Rita Carmo {Espanta Espíritos design}

Site e Catálogo
Espanta Espíritos design

Notas aos Programas
Sónia Gonçalves da Silva

Fotografia e Vídeo
Rita Carmo

Impresso por Belgráfica, Maio 2023



FESTIVALCAPUCHOS.COM